



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS  
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**PAULO DE TARSO INOCÊNCIO**

**DILEMAS ESCONDIDOS: HOMOSSEXUALIDADES MASCULINAS E  
TRAJETÓRIAS DE VIDA EM IGREJAS EVANGÉLICAS**

**Juiz de Fora, 2024.**

PAULO DE TARSO INOCÊNCIO

**DILEMAS ESCONDIDOS: HOMOSSEXUALIDADES MASCULINAS E  
TRAJETÓRIAS DE VIDA EM IGREJAS EVANGÉLICAS**

Dissertação apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em  
Ciências Sociais da Universidade  
Federal de Juiz de Fora.

**Orientador: Raphael Bispo dos Santos**

**Linha de Pesquisa: Cultura, Poder e Instituições**

**Juiz de Fora**

**2024**

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Inocêncio, Paulo de Tarso.  
DILEMAS ESCONDIDOS: HOMOSSEXUALIDADES MASCULINAS E TRAJETÓRIAS DE VIDA EM IGREJAS EVANGÉLICAS / Paulo de Tarso Inocêncio. -- 2024.  
84 f.

Orientador: Raphael Bispo dos Santos  
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2024.

1. Evangelho. 2. Homossexualidades. 3. Heteronormatividade. 4. Pecado. 5. Trajetórias. I. dos Santos, Raphael Bispo, orient. II. Título.

## **Sumário**

|  |           |
|--|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>   | <b>6</b>  |
| <b>1. CAPÍTULO 1 – RELIGIÃO, GÊNERO E SEXUALIDADE .....</b>              | <b>9</b>  |
| 1.1 – MOTIVAÇÕES AO TEMA – O INCOMODO DO DISCURSO.....                   | 11        |
| 1.2 – EMBATES POLÍTICOS E ESFERA PÚBLICA: UM EXEMPLO PARA<br>PENSAR..... | 13        |
| 1.3– DEBATE ENTRE FÉ E LIBERDADE SEXUAL .....                            | 16        |
| 1.4 – CONSEQUÊNCIAS E IMAGINÁRIO SOCIAL.....                             | 23        |
| <b>2. CAPÍTULO 2 – DILEMAS, SOFRERES E VIVÊNCIAS.....</b>                | <b>32</b> |
| 2.1 – CONHECENDO OS PERFIS – LUGAR, FAMÍLIA E INSERÇÃO .....             | 33        |
| 2.2 – DILEMAS SILENCIOSOS – RELATOS, SOFRERES E EXPERIÊNCIAS .....       | 38        |
| 2.3 – O OLHAR ANALÍTICO SOBRE AS TRAJETÓRIAS .....                       | 62        |
| 2.4 – CONTRASTES NO TEMPO – PARTICULARIDADES TEMPORAIS .....             | 69        |
| <b>3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                      | <b>76</b> |
| <b>4. BIBLIOGRAFIA .....</b>   | <b>80</b> |

**RESUMO:** O trabalho em questão procura observar e analisar trajetórias e vivências de homens cisgêneros gays que tiveram contato com a igreja evangélica por um longo e marcante período de tempo. Busca-se o perfil de homens que tiveram suas inserções desde tenra idade, para que possam ser abarcadas fases vitais de construção do sujeito, como a infância, a adolescência e o início da fase adulta. Além disso, apresenta-se uma diferença etária entre os escolhidos, visando entender os contrastes temporais dessas experiências em suas determinadas épocas afim de evidenciar diferenças e similaridades entre elas. A pesquisa procura principalmente captar nos relatos os possíveis dilemas e sofreres enfrentados pelos informantes enquanto homens gays dentro de um contexto que tende a colocar suas orientações sexuais não-heterossexuais como “pecado” e direcioná-las a um modo de vida heteronormativo, tido como “correto” e “sadio”.

**Palavras-chave:** Trajetórias, Dilemas Gays, Evangelho, Heteronormatividade, Pecado

**Abstract:** This study aims to observe and analyze the trajectories and experiences of cisgender gay men who have had prolonged and significant contact with evangelical churches. The focus is on men who have been involved with the church from a young age, allowing for the examination of critical phases in the development of the self, such as childhood, adolescence, and early adulthood. Additionally, the study includes participants from different age groups to understand the temporal contrasts of these experiences across different periods, highlighting differences and similarities. The primary objective is to capture, through the narratives, the possible dilemmas and struggles faced by the informants as gay men within a context that tends to label their non-heterosexual orientations as "sin" and directs them towards a heteronormative way of life, deemed as "correct" and "healthy."

**Keywords:** Trajectories, Gay Dilemmas, Evangelicalism, Heteronormativity, Sin

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho procura evidenciar trajetórias e vivências de homens gays cisgêneros<sup>1</sup> dentro do espectro ideológico evangélico, trazendo à tona seus dilemas, sofreres, dinâmicas afetivo-amorosas, realidades de cunho familiar, obstáculos enfrentados ao longo da vida e, principalmente, analisar vicissitudes emocionais e os impactos subjetivos daqueles que permaneceram ou não vinculados a uma experiência religiosa que tende a colocar enquanto “pecado” seus desejos e majoritariamente visa reeducar traços “desviantes” de sua identidade.

As seções deste documento, para além desta introdução, estarão divididas em dois capítulos e as considerações finais. O primeiro procuro amplificar a discussão teórica sobre a religiosidade evangélica enquanto um modo de vida repleto de regras, costumes, preceitos e dogmas, atrelando ao debate os conceitos de gênero e sexualidade, indicando conjuntamente a motivação para a pesquisa a partir de um contexto previamente debruçado.

Neste capítulo, coloco em perspectiva o cenário público em concomitância ao político, a partir de marcos de regresso na progressão social, gerenciados por figuras religiosas de grande influência, sob a justificativa de existir possibilidade de cura da homossexualidade, em meio a um contexto reacionário, em meados de 2018. A reflexão dessa contramão, ou digamos atritos, está relacionado com o que Rubin evidencia na obra *Pensando o Sexo* (1984), já que questões relacionadas a gênero e sexualidade frequentemente ocupam uma posição desfavorável, situando-se em uma “escala mal ajustada.”

O objetivo é evidenciar o problema de pesquisa a partir de um determinado contexto histórico-cultural de vivência da sexualidade, para posteriormente trazê-lo à tona de maneira mais vívida com os dados coletados a partir das entrevistas realizadas.

No segundo capítulo, coloco em questão o perfil dos entrevistados para fins de contextualização, contando quem são, idade, onde vivem, quais suas ocupações atualmente, quais igrejas frequentaram e etc. Logo após, evidencio os dados das

---

<sup>1</sup> Termo usado para definir pessoas que se identificam com o gênero que é designado quando nasceram, o qual é associado socialmente ao sexo biológico.

entrevistas, ou seja, os relatos transcritos que se valem de análise do tema, incluindo trechos, histórias e algumas verificações de autores da bibliografia usada para, em seguida, trazer a análise desses percursos juntamente ao acervo teórico.

Para além disso, a exposição deste trabalho contará com histórias de homens de tempos geracionais diferentes, trazendo um panorama que revele os padrões de semelhanças e contrastes dessas vivências, a partir do recorte aqui estabelecido para análise, entre o início da adolescência até a fase pré-adulta, conjuntamente com suas inserções na igreja evangélica. O questionamento a partir da temática é se existem dentro desses recortes temporais, ou seja, nos intervalos de décadas entre as vivências dos mais velhos para os mais novos, detalhes pertinentes e reveladores sobre permanências, mudanças ou contornos novos considerando até os dias presentes.

Para isso, baseio-me para essa análise principalmente no texto de Júlio Simões (2018) sobre o estudo geracional de experiências sociais da homossexualidade masculina, capaz de desenhar o contexto sócio-histórico dos entrevistados com mais de 50 anos, entendendo as diferenças temporais de seus momentos sociais em comparação aos mais novos, e ainda identificar as características marcantes dessa comparação dentro do conceito de gerações.

No Brasil, especialmente na campanha presidencial (2018) de cunho conservador e direitista de uma das partes, a estratégia utilizada na conquista de votos foi o acionamento da categoria “Ideologia de Gênero” como um dispositivo mobilizador de pânico morais em função de uma suposta tentativa de grupos feministas, LGBTQIA+ e estudiosos de questões das minorias de ameaçar a “moral e os bons costumes” dos considerados então conservadores (lembrando o slogan da campanha: “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”). Desta forma, houve um crescente aumento da LGBTfobia, manifestada em discursos do candidato a presidente da República e até por violências físicas e verbais de seus eleitores. Vale lembrar que um dos setores mais fortes entre o eleitorado bolsonarista se dá hoje pelos evangélicos (SILVA, 2021).

O debate que Henning (2016) propõe uma “teleologia heterossexual”, ou seja, a constante reprodução da noção de vida social bem sucedida ser somente possível nos moldes biográficos heterossexuais, nos instiga a pensar, por exemplo, como esse equipamento cultural e uniformizante, é inserido no imaginário desses homens a partir de suas trajetórias no evangelho, uma vez que essa mesma teleologia é sincrônica aos ideais cristãos que incentivam o casamento, a família e a reprodução. É proposta também deste trabalho observar como a ideia de “normalidade” heterossexual disseminada em certas

doutrinas religiosas, algo discutido por Natividade e Oliveira (2009), incrementa uma forma sólida de roupagem social de difícil dissociação, e o quanto isso acompanha ou acompanhou esses indivíduos ao longo de suas vidas.

Sendo assim, busca-se entender nesta dissertação as problemáticas presentes no contexto evangélico referente ao tópico da vivência das homossexualidades, e indagar se elas ainda permanecem ativas, tanto pelas vivências compartilhadas em diferentes esferas da vida, quanto pela diferença etária, dado o intervalo temporal que se busca analisar conjuntamente. De acordo com Natividade e Oliveira (2009), a bíblia é principalmente colocada como um manual de vida, e o mundo é estabelecido como demoníaco, perigoso. Aqueles que questionam ou desviam das regras doutrinárias, são tidos como mundanos, e precisam ser salvos/purificados ou serão punidos e condenados ao inferno. Ao mesmo tempo, observa-se uma poderosa dependência local à figura de amparo que a instituição religiosa e seus líderes proporcionam (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2009).

Faz necessário incluir aqui também a reflexão de Henning (2016) sobre a figura do homossexual como desprovido de futuro e felicidade, uma visão que permanece por gerações. Isso será necessário até mesmo para entender como esses homens mais velhos em seus anos de juventude eram levados a temerem esse destino, e buscavam seguir o compromisso moral da “normalidade heterossexual”. O trabalho procura, assim como propõe os estudos de Natividade (2006), fazer associações ao contexto evangélico demonstrando que o segmento, além de uma manutenção da heteronormatividade, guarda tensões e discordâncias em relação a diversidade sexual e identitária, e o quão complexa é o emaranhamento dessa experiência de si com o institucional religioso, considerando a demonificação daquilo que não se encaixa nos moldes cristãos tidos como “corretos”.

O estudo de Novaes (2012) acerca de juventude, religião e espaço público, associa-se com as experiências dos mais jovens em tela nessa pesquisa, principalmente olhando para o contexto sociopolítico atual. Segundo Novaes, a dimensão do religioso tem ainda circunscrito a vida privada, ganhado espaço crescente na vida política. Percebe-se nos últimos 5 anos um grande aumento de sectarismos, embates ideológicos, apagamentos de laicidade do Estado e tendências claras ao fascismo.

Uma dessas evidências seria essa introjeção cada vez maior de valores na “ética ordinária” das pessoas, que seriam as maneiras sinuosas com que os sujeitos lidam com aquilo que consideram ser o certo ou o errado em seus voláteis cotidianos (BISPO, 2021, pg.5), ainda mais quando contrastadas com discussões sobre a diversidade humana. Importante então entender os apagamentos de existências que tais articulações,

principalmente levando em conta a experiência eclesiástica, buscando traçar as problemáticas que acompanham essas colisões ontológicas e cosmológicas.

É necessário deixar claro que a análise aqui planejada não se dá ao questionamento filosófico da fé ou da religiosidade. Aqui se procura entender, principalmente, o que a igreja evangélica enquanto instituição promoveu ou promove direta ou indiretamente na vida dos perfis selecionados a partir de suas próprias perspectivas e pontos de vista geracionais, levando em conta seus modos de vida atuais e a maneira como analisam suas práticas de fé. O fato da existência de diferenças na forma de se enxergar o mundo entre quem frequenta e acredita no evangelho e dos que não frequentam (ou mesmo já frequentaram), será aqui desenvolvido a partir das posturas que as igrejas evangélicas, dado seu tamanho e poder ideológico social, vem tomado a respeito. Seja a partir dos seus membros, dos discursos de seus líderes, no vetor evangelizador, nas interpretações bíblicas literais e etc.

Isso poderá servir para pensar em que nível essas atribuições ideológicas afetam o todo social, cujos direitos e liberdades de pessoas LGBTQIA+ podem ser frequentemente violados e prejudicados no processo.

## **1. CAPÍTULO 1 – RELIGIÃO, GÊNERO E SEXUALIDADE**

Até o presente momento, muito já se discutiu nas Ciências Humanas a respeito do mundo, da natureza humana e suas características, modelos morais, modos de vivências, regras sociais, história, política, religião e tantos outros tópicos. Porém, quando se fala da diversidade e da pluralidade sexual do ser, não temos um arcabouço longo de investigação, visto que a *Teoria Queer*, destaque da bibliografia deste trabalho, é uma corrente recente, emergida em 1990 por consequência de estudos norte-americanos como os feministas, culturais e decoloniais, assim como a influência de autores chaves que começaram a pensar sobre o gênero e a sexualidade como um dispositivo de análise teórico (MISKOLCI, 2009). Além disso tivemos outros estudiosos que antecederam esse marco teórico, aqui no Brasil por exemplo com o autor Peter Fry.

Um desses estudiosos também foi Michel Foucault, pensador francês que até hoje é referência em estudos sobre as relações de poder e conhecimento, sendo esse o principal mote de suas obras. Destaco um trecho chave:

“A questão sobre o que somos, em alguns séculos, uma certa corrente nos levou a colocá-la em relação ao sexo. Nem tanto ao sexo-natureza (elemento do sistema do ser vivo, objeto para uma

abordagem biológica), mas ao sexo-história, ao sexo-significação, ao sexo-discurso. Colocamo-nos, a nós mesmos, sob o signo do sexo, porém, de uma Lógica do sexo, mais do que de uma Física. Não devemos enganar-nos: sob a grande série das oposições binárias (corpo-alma, carne-espírito, instinto-razão, pulsões-consciência) que pareciam referir o sexo a uma pura mecânica sem razão, o Ocidente conseguiu, não somente e nem tanto, anexar o sexo a um campo de racionalidade, o que sem dúvida nada teria de extraordinário, tanto nos habituamos, desde os gregos, a esse tipo de "conquista"; mas sobretudo colocar-nos inteiros — nós, nosso corpo, nossa alma, nossa individualidade, nossa história — sob o signo de uma lógica da concupiscência e do desejo (FOUCAULT, 1999. Pág. 75 e 76).”

Nesta passagem, podemos ver que Foucault já trazia pensamentos a respeito da lógica binária do sexo não ser de fato algo somente vinculado a natureza, mas também ao aspecto social. Ao se referir sobre o sexo-história, significação e discurso, a corrente foucaultiana abre-nos a compreensão de que estamos constantemente sendo definidos e inteligibilizados pelo sexo em nossa cultura enquanto enunciados biológicos a respeito do indivíduo (BUTLER, 2016).

Quando ele se refere ao Ocidente ser bem sucedido nessa atribuição de sexo igual à natureza, é possível imaginar a partir do ponto de vista sociorreligioso da colonização que, enquanto Brasil colônia no passado, fomos sujeitados a uma padronização social do existir, ou seja, acostumados a um modelo compulsório de binarizações (bem-mal, corpo-alma, carne-espírito, homem-mulher etc.), ainda mais quando se sabe sobre a influência do cristianismo nas ideias do totalitarismo imperial colonizador. Cristianismo este que deu origem a várias correntes religiosas, como a Reforma Protestante no Século XVI.

A autora Judith Butler, influenciada por Foucault e também ela um outro nome importante da Teoria Queer, revela na sua obra *Problemas de Gênero* os detalhes minuciosos de como se dá essa programação normativa sobre os corpos. A seguir, um trecho que nos ajuda a localizar essa reflexão:

“O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígidos, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural do ser. [...] Atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado

pretendem expressar, são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos (BUTLER, 2016. Pág. 67 e 235).”

A contribuição que Butler traz a luz é pensar, dentro do seu conceito de heteronormatividade compulsória, como a identidade é sempre vinculada a uma coerência heterossexual, como um status performativo do natural (BUTLER, 2016). Tal status obriga os corpos a serem “reféns” de suas superfícies físicas e os papéis atribuídos a eles, sendo de certa maneira o falo (homem) associado à dominação e o orifício (mulher) à subordinação. O que a autora propõe é uma fluidez da dinâmica gênero identitária, não como polos opostos binários, mas um espectro de cores, que através do tempo os sujeitos cristalizam-se nestas alternâncias, consolidando o bem existir do indivíduo por sua assimilação ao que perpassa os corpos durante o crescimento e a vida em sociedade.

Como bem já vimos em passagens anteriores, o “natural” é inteligível pela religião evangélica através de princípios bíblicos fundamentalistas, que de certo modo, enviesam a atribuição ao normal na dinâmica do binarismo criacionista. Em outras palavras, a religião como modo cívico de interação de crenças, compartilha reflexões antiquadas sobre o ser, o que torna difícil o desamarrear das discordâncias essencialistas, que por sua vez minam o bem estar social dos que por ela encontram-se as margens. Maria das Dores Machado, em seu artigo “Corpo e Moralidade Sexual em Grupos Religiosos”, define - em uma reflexão sobre a prioridade religiosa em manter uma ordem moral de corporalidade e identidade binária – a dualidade no universo cristão, que é estabelecida entre corpo e alma desde os primórdios deste movimento, criando hierarquizações sobre como o espírito está acima da carne (MACHADO, 1995). E para este espírito atingir sua mais próxima relação com deus, é necessário que ele siga as regras divinas apresentadas ao “homem” enquanto figura resultante da criação. Quando se pensa na sexualidade, colocam esse aspecto somente na função do matrimônio heterossexual e da reprodução.

## 1.1 – MOTIVAÇÕES AO TEMA – O INCOMODO DO DISCURSO

O intuito de trabalhar gênero e sexualidade no contexto religioso evangélico, sendo este momento o pontapé inicial para esta pesquisa, primeiramente surgiu por uma provocação perante testemunhos religiosos, escritos por pessoas convertidas à religião evangélica, denominados comumente como *ex-gays*, que encontrei nas várias mídias sociais, blogs e canais de conteúdo multimídia. Tais testemunhos trazem à tona suas

histórias de vida dividindo o destino da narrativa entre um “antes” e “depois” de seu contato com a religião, sendo ela a responsável pela mudança considerável dos costumes e da auto imagem dos mesmos.

O que despertou meu interesse de aprofundar na questão foram as reverberações dessas postagens testemunhais que tinham respostas na internet (em sua grande maioria) divididas entre pessoas exaltando o processo e outras criticando a postura, cada qual com seu argumento específico. De imediato, pude perceber que essas narrativas tinham impactos muito profundos quando destacamos o contexto do imaginário social sobre as identidades da diversidade. Já muito se sabe a respeito do contexto discriminatório do Brasil, que é um dos países que lidera o índice de violência contra a comunidade LGBTQIA+'s no mundo, mesmo no contexto ocidental; isso informado e reforçado pelos próprios meios de comunicação por décadas.

Ao mesmo tempo, percebe-se um país grandemente influenciado pelo cristianismo, sobretudo as religiões católicas e evangélicas. Quando brevemente observadas as respostas nessas publicações, temos uma polaridade de argumentos, dizendo por um lado que tal acontecimento (a mudança ou a cura) não existe e que isso somente reforça o preconceito e as fobias sociais relacionadas a LGBTQIA+'s, enquanto prováveis religiosos, defendem que deus transformou aquele ser que narra sua história, e que ele foi salvo das “amarras do diabo”.

Ao pensar sobre essas tensões, procurei informações sobre tais conversões religiosas e descobri que não existia somente relatos “positivos” a respeito deste processo de cura e libertação. Havia casos de pessoas que relatavam processos traumáticos em suas experiências religiosas. Na maioria das vezes eram ex-membros de congregações evangélicas, que contavam a sua versão dos fatos ocorridos em suas vidas. Mas, para uma análise minuciosa e mais rica de detalhes, precisei buscar conteúdos testemunhais em arquivos audiovisuais, pois eles destacam não só os discursos, mas também os costumes, trejeitos, características físicas e identitárias desses indivíduos, assim como as características da ambientação e apresentação dos vídeos ao que assiste.

Ao encontrar essas narrativas, a possibilidade de comparação e a análise de contrastes entre os dois tipos de relato se abriu à frente. Enxergar essas nuances permitiu responder muitas perguntas pertinentes sobre essa relação de doença (ou problema), cura e salvação no imaginário social. Por exemplo: Quais as similaridades entre as falas e os fatos nas histórias desses sujeitos? Quem são esses indivíduos? Quais discursos têm

maiores alcances? Quais são essas reverberações? O que pode ser considerado problemático nessas falas? Entre outras diversas.

Ainda é pertinente lembrar as questões vinculadas com o lado clínico da psicologia. Por vários anos, muitos profissionais declararam ser possível tratar a homossexualidade como um distúrbio mental.

As concepções de "cura gay" na sociedade estão influenciadas pelas interações entre as dinâmicas de cura/patologia e pecado/salvação. Esse entendimento é notável ao considerarmos que, no século passado, a biomedicina adotava uma perspectiva genética e determinista em relação à heterossexualidade. Essa abordagem, definida de maneira naturalista segundo Natividade (2006), é acentuada quando combinada com um fundamentalismo religioso que não reconhece a homossexualidade como inata, mas sim como condicionada por eventos específicos na vida do indivíduo. Esses eventos são frequentemente associados a fatores psicológicos, como abusos, relacionamentos parentais problemáticos e, conseqüentemente, à ação premeditada, invisível e externa da figura diabólica.

## 1.2 – EMBATES POLÍTICOS E ESFERA PÚBLICA: UM EXEMPLO PARA PENSAR

Neste tópico, destrincho detalhes pertinentes sobre o histórico de luta e militância LGBTQIA+<sup>2</sup> até o contexto mais recente, em que o “*ex-gay*”, como já mencionado e a “*cura gay*”, pauta que retorna ao debate público em 2018, surgem como obstáculos na disputa de direitos sociais e políticos. Pensar nesse exemplo tem pertinência direta com o que se propõe a análise central deste trabalho visto o impacto que a possibilidade de atritos entre liberdade sexual e dogmas cristãos ainda podem eclodir, num cenário que reflete na vida do todo social, quando temos a política aqui envolvida. A solidez dessa tensão (por sinal muito antiga) é o objetivo particular desta parte como complemento ao cenário central.

Para tal questiono principalmente como este discurso científico e religioso, considerando os grupos sociais envolvidos, construiu e constrói percepções sobre a identidade de gênero e sexualidades no imaginário social. Sendo assim, destaco o histórico de mudança sobre o termo “homossexualismo” ao longo das últimas décadas. Este foi incluído na 6ª Revisão da Classificação Internacional de Doenças (CID), da

---

<sup>2</sup> Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans ou Travestis, Queer, Intersexuais, Assexuais e “+” para abreviação da sigla completa.

Organização Mundial de Saúde em 1948, na categoria 320 como uma “personalidade patológica”. Na 8ª Revisão da CID, em 1965, a categoria 302: “desvio e transtornos sexuais”, incluiu o homossexualismo como uma subcategoria (302.0). Na 9ª revisão manteve-se esta classificação, entretanto, ela passou a ser muito criticada dentro dos campos da medicina, da psicologia e da psiquiatria, sendo rejeitada também pelos movimentos homossexuais em muitos países (GAMA apud CARNEIRO, 2015).

No 1º Encontro Brasileiro de Homossexuais, foi decidido que os militantes lutariam para a exclusão do código referente à homossexualidade da CID da OMS, adotado pelo Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (INAPMS). Para isto, entrariam em contato com profissionais da área da saúde a fim de criar núcleos de estudo sobre a despatologização desta. Além disso, pressionariam a OMS, a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), a Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), o Conselho Federal de Medicina e o Conselho Federal de Psicologia (GAMA, 2019) por um posicionamento institucional favorável.

O então Grupo Gay da Bahia (GGB), após a fragmentação dos outros movimentos gays<sup>3</sup> da época, tomou a frente desta batalha no Brasil, organizando manifestações nos encontros anuais da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), conquistando o apoio do ministro da Previdência Social, Dr. Jair Soares em 1981, por meio de uma carta-protesto, intitulada “Mais cuidado com os gays” que contou com mais de 16 mil assinaturas. Essa organização conseguiu posteriormente a aprovação da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), da Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais (Anpocs), entre outras instituições (GAMA, 2019).

Em fevereiro de 1985, o Conselho Federal de Medicina (CFM) atendeu à reivindicação, retirando o “homossexualismo” do código 302.0. Paralelamente, o reconhecimento internacional da despatologização da homossexualidade por parte da Organização Mundial de Saúde só foi alcançado em 17 de maio de 1999 (OMS, 2015). Tal data é comemorada no Brasil como Dia Internacional contra a Homofobia. A partir de 2017, a pauta da “cura gay” entra em intenso compartilhamento pelos veículos de mídia após anos de avanços sociais e políticos sobre o direito LGBTQIA+.

A Resolução 1/1999 do Conselho Federal de Psicologia (CFP) passou a ser questionada por profissionais da área e políticos da bancada evangélica. Esta proibia

---

<sup>3</sup> Devido à segregação das pautas exigidas na época, o que separou militantes e seus movimentos específicos (GAMA,2019).

desde os anos 1990 psicólogos exerceram o ofício no intuito de “tratar” a orientação sexual.

Conforme explica Ana Mercês Bahia Bock, Conselheira Presidente da CFP, considerando que, segundo informa a resolução, o psicólogo é um profissional da saúde, que constantemente dado seu campo de trabalho vai perpassar por questões ligadas à sexualidade; e ao mesmo tempo, compreende o traço como parte da identidade do paciente, e entende que a homossexualidade não é uma doença, distúrbio ou perversão. E o CFP decreta que o profissional, dado fatídica discriminação e preconceito por meio da sociedade, tem o dever de contribuir para o conhecimento e superação do paciente sobre o preconceito e a discriminação. Portanto, qualquer tipo de prática, incentivo ou tentativa de “cura gay” por meio de psicólogos estaria infringindo essa norma, até então (BOCK, 1999).

Porém, uma liminar apresentada pelo juiz da 14ª Vara Federal do DF<sup>4</sup>, Waldemar Cláudio de Carvalho, buscava permitir uma alteração na Resolução 1/1994, autorizando profissionais da psicologia a conduzirem os atendimentos aos que buscarem o suposto tratamento. Essa decisão foi influenciada pela ação judicial promovida pela psicóloga e missionária evangélica Rozângela Justino, que pedia a anulação de alguns artigos da Resolução 1/1999. Segundo ela, haveria uma inclinação natural para a heterossexualidade passível de ser redescoberta pelo recurso a terapias (NATIVIDADE, 2006).

Discordando do que consta no artigo 3º:

“[...]os psicólogos não exercerão qualquer ação que favoreçam a patologização de comportamentos ou práticas homoeróticas, nem adotarão ações coercitivas tendente a orientar homossexuais para tratamentos não solicitados [...] os psicólogos não colaborarão com eventos e serviços que proponham tratamento e cura das homossexualidades” (CFP, 1999).

Waldemar Carvalho planejava em sua decisão no dia 15 de dezembro de 2017, que o tema poderia ser sim tratado, segundo ele, não só em consultórios, como em âmbitos acadêmicos, pesquisas e atendimentos psicoterapêuticos que fossem necessários à plena investigação científica de transtornos comportamentais associados à orientação sexual.

---

<sup>4</sup> Ver: BETIM, Felipe. “‘Cura gay’: o que de fato disse o juiz que causou uma onda de indignação”. EL PAÍS, 20 set. 2017. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/19/politica/1505853454\\_712122.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/19/politica/1505853454_712122.html) Acessado em: 03 fev. 2023 / REVISTA: Consultor Jurídico. “Em decisão de mérito, juiz mantém liminar que permite ‘cura gay’”. 2017. Disponível em: Acessado em: 24 jan.2023.

A tentativa de modificação foi movida por protestos pela comunidade LGBTQIA+<sup>5</sup>, tanto pelas redes sociais, quanto protestos pacíficos presenciais aos prédios de órgãos governamentais. Em oposição, ela foi defendida<sup>6</sup> pelos intitulados *ex-gays* que confirmaram ser possível uma “cura” por meio da “libertação do Espírito Santo” e com o apoio de terapias. O respaldo clínico de psicólogos cristãos gera o que podemos chamar de discurso da “solução do problema da homossexualidade”, que passa a ser respaldado por uma interdependência de critérios clínicos e religiosos, ministrado por agentes<sup>7</sup> enviesados pela lógica bíblica.

Nesta disputa política, o então Movimento dos Ex-Gays do Brasil (MEGB)<sup>8</sup>, grupo liderado por Mírian Froes – em busca de reconhecimento e validação da sua veracidade de “ex-praticante” da sexualidade homossexual – ganhou ainda mais força com o apoio da Ministra Damares Alves e do pastor da Assembleia de Deus e deputado federal Marco Feliciano<sup>9</sup> (Republicanos-SP). Eles reuniram mais de quinze mil assinaturas a favor da liminar. É extenso o histórico de luta a favor da conversão clínico/religiosa da homossexualidade do pastor em questão. Não somente em cultos que ministrara, mas até mesmo participação em programas de TV e precisamente no contexto político onde atua com o apoio da bancada evangélica.

A seguir, no exame do caso, a então ministra do STF<sup>10</sup>, Carmen Lúcia, notou que o pedido parecia ser uma declaração de inconstitucionalidade da Resolução 1/1999 do CFP, determinando a suspensão da liminar e a manutenção eficaz da Resolução.

### 1.3– DEBATE ENTRE FÉ E LIBERDADE SEXUAL

Apesar de todo trabalho de luta dos movimentos gays no final do século XX para legitimar a proibição de tais práticas vinculadas à “cura” ou patologização da orientação

---

<sup>5</sup> EL PAÍS, F.B. Multidão protesta em São Paulo contra a ‘cura gay’: “Não somos doentes!”. São Paulo. EL PAÍS, 23 set. 2017. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/23/politica/1506125381\\_227089.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/23/politica/1506125381_227089.html)> Acessado em: 24 jan. 2023.

<sup>6</sup> Ver: SILANO, K. Ana & FONSECA, Bruno. “Apoiado por Damares, movimento de ex-gays disputa Conselho de Psicologia”. São Paulo, OperaMundi, 27ago.2019. Disponível em: <<https://operamundi.uol.com.br/sociedade/60184/apoiado-por-damares-movimento-de-ex-gaysdisputa-conselho-de-psicologia>> Acessado em 24/01/2023.

<sup>7</sup> Ver: BETIM, Felipe. “‘Cura gay’: o que de fato disse o juiz que causou uma onda de indignação”. EL PAÍS, 20 set. 2017. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/19/politica/1505853454\\_712122.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/19/politica/1505853454_712122.html) Acessado em: 03 fev. 2021 / REVISTA: Consultor Jurídico. “Em decisão de mérito, juiz mantém liminar que permite ‘cura gay’”. 2017. Disponível em: Acessado em: 24 jan.2023.

<sup>8</sup> Ver: SAKAMOTO, Felipe & CABRAL, Lucas. “Nós existimos”, diz fundadora do Movimento de Ex-GaysdoBrasil, 2019. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/09/26/fundadora-do-movimento-de-ex-gays-quer-reconhecimento-da-sociedade.htm>> Acessado em: 24 jan. 2023.

<sup>9</sup> Ele também é Pastor da Catedral do Avivamento (igreja neopentecostal ligada à Assembléia de Deus).

<sup>10</sup> Ver: STF. Liminar suspende tramitação de ação popular contra resolução do CFP que proíbe “cura gay”. Site oficial STF, 24 abr. 2019. Disponível em: <<http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=409367>> Acessado em: 03 fev. 2023.

sexual, existe ainda uma tentativa de “cura” da homossexualidade sublimada e oculta de certo modo, que permeia os cenários evangélicos. São os denominados “cultos de libertação” e “retiros espirituais<sup>11</sup>”: com a presença de profissionais da psicologia e realizados por algumas igrejas consideradas evangélicas. Tais eventos possuem a proposta de “exorcizar” ou “libertar” aqueles que procuram a orientação da fé nesses espaços religiosos para supostamente serem “curados”.

A ocorrência dessas conversões varia entre as congregações, sendo apresentadas como eventos de cunho opcional de participação, divulgados conforme a magnitude de alcance de cada igreja, mas são deliberadamente comuns entre os templos, sendo uma pauta recorrente a ser tratada no contexto evangélico. De acordo com a crença cristã, mobilizada pelas igrejas evangélicas em prol da “cura gay”, o indivíduo passa pelo processo de entendimento que tal prática da homossexualidade é um pecado de natureza maligna e que, portanto, precisa ser abandonada em nome de deus e de sua salvação.

Não necessariamente eliminada de imediato, mas tomada como a obra de um ser representante do mau (diabo) que visa o “desvirtuamento” do fiel, e logo sua condenação ao inferno; portanto, algo que necessita do respaldo divino para seu total controle. É a ascensão do espírito em detrimento da carne, que leva em si tudo aquilo que pertence ao mundo, toda prática vinculada aos prazeres carnis profanos, sendo a homossexualidade uma delas, conforme teria sido escrito na bíblia sagrada. Desta forma, quanto mais distante da carne em compromisso de ação (afastamento dos prazeres), mais próximo vai estar da figura reguladora de deus, espiritualmente, como uma conduta santa com a consequência da salvação celestial (NATIVIDADE, 2009).

Para incremento do debate deste tópico, apresento dois casos noticiados de pessoas, levantados ao longo da pesquisa, que passaram pela conversão religiosa, mas vivem hoje plenamente sua sexualidade fora dos preceitos cristãos, ainda que alguns permaneçam fiéis ao cristianismo. Desde muito tempo, dinâmicas religiosas tentaram de todas as formas “eliminar” suas orientações sexuais não-heterossexuais creditadas pelas congregações como perdições e desarranjos nocivos.

Aqui cabe prestarmos atenção, portanto, àquilo que não é revelado nos contextos dos testemunhos e o quanto desses relatos nos mostram um enviesamento de utilização

---

<sup>11</sup> Ver: CORREIA, Mariama, “Para curar a homossexualidade, jovem teria sido submetida a isolamento, exorcismos e terapia em seminário evangélico” MSN Notícias, 17 dez. 2020. Disponível em: <<https://www.msn.com/pt-br/noticias/brasil/para-curar-a-homossexualidadejovemteriasidosubmetidaaisolamentoexorcismoseterapiaemsemin%C3%A1rioevang%C3%A9lico/arBB1c0MP5?ocid=msedgntp>> Acessado em: 26 jan. 2023.

discursiva e persuasiva em relação ao que a agenda cristã tem como objetivo nos apresentar enquanto performances tão poderosas.

O primeiro caso é de Gabriela (32 anos, nome fictício), que relata sua experiência para o *Almanaque Brasil* do canal *O Globo*, cujo vídeo se encontra na plataforma *Youtube*. Sua identidade foi poupada, visto que revela ter problemas com a família, e aparecer em um canal como este, poderia conferir-lhe mais tensões indesejadas. Ela diz:

“Na minha adolescência, a família foi apresentada pro estudo bíblico e entrou de vez na religião evangélica. Sempre tinha uma menina, enfim, que eu era mais próxima, foi assim a adolescência inteira. Quando fiquei mais velha que percebi que poderia ser algo sexual também, mas eu não queria acreditar nisso sabe? Acreditar no que eu tava sentindo. Quando eu saí de lá que eu comecei a ter referências, enfim a conversar sobre isso, entender os desejos, as vontades que eu tinha. Foi uma vida de culpa que não era saudável, e como embora eu não seja religiosa, eu tenho essa formação bíblica, então eu tenho essa crença de acreditar em Deus, sou cristã. Eu morro de medo, até que hoje nem tanto, mas de ter sei lá câncer de útero, câncer de mama, por ser um castigo, uma consequência do pecado por ser lésbica. Meus pais descobriram que eu tava namorando uma menina, minha primeira namorada. Me seguraram lá na minha cidade por uns 3 meses, e não queriam que eu voltasse. [...] Eu tive interseções com a mulher do pastor, ela me deu algumas folhas e ali estavam listadas várias coisas sobre meu comportamento, quais eram os pecados que eu tava fazendo na minha vida basicamente. Eu precisava falar eles em voz alta, renunciar em voz alta, e orar pra Deus pedindo pra Ele tirar aquilo de mim. Então você vê uma pessoa ali mais próxima de Deus, iluminada, enquanto você é o sujo, pecaminoso, a gente fica muito vulnerável. Enfim eu me senti ridícula, suja, culpada, a pior pessoa do mundo.”

A seguir, a entrevistada conta que a igreja (nome não revelado), através de um projeto intitulado “Limpa Corações”, fazia reuniões na casa do pastor com a presença de uma “diretoria” (descrita por ela como membros de espiritualidade avançada) onde se fazia um círculo em volta de um fiel por vez, em que o mesmo deveria ali expor todos os pecados, por mais “vexaminosos” que fossem, na tentativa de “limpeza” do coração.

Segundo ela, era um ambiente opressor, uma vez que aqueles evidenciados nesses ritos, ficavam nitidamente envergonhados e tinham intimidades reveladas a todos os presentes, sem a atribuição de nenhum “filtro” ou amenização. Resultava inclusive, nas palavras dela:

“[...] choro de raiva, de vergonha, de medo, um misto de 31 sentimentos. O mais engraçado é que mesmo tão evoluídas, davam 2 dias a igreja toda tava sabendo.”

Aqui percebe-se o uso da desmoralização e repetições de certas ações como um método de reversão. O sofrer resultante é entendido como o próprio processo de limpeza, e neste caso, nem mesmo é levado em conta a privacidade do sujeito em posição de vulnerabilidade. Um sofrimento ignorado e posto de lado, que apenas tem seu critério funcional caso faça parte de uma montagem testemunhal afim de acrescentar um teor poderoso de enunciação em torno de defender o critério “libertador” da experiência religiosa.

Outro caso de suma importância a citar, é o da designer e violonista Cláudia Baccile (31 anos) que nos conta com detalhes, em uma reportagem da *Microsoft News*, como fora submetida a isolamento, exorcismos e terapias em seminário evangélico, ministrado pela muito conhecida e frequentada Igreja Batista da Lagoinha de Belo Horizonte (MG), hoje com cerca de 92 mil membros. É lá que se encontra o ministério *Diante do Trono*, banda de imenso sucesso no setor gospel brasileiro liderada pela cantora e pastora Ana Paula Valadão. Vale mencionar que a ex-ministra dos Direitos Humanos, Damares Alves, também faz parte desta congregação como pastora e missionária.

Conforme o relato, Cláudia revela que o seminário de reversão ou libertação, era uma espécie de “faculdade” do ministério *Diante do Trono*, embora não fosse reconhecido pelo Ministério da Educação (MEC). Os cursos eram pagos e os participantes passavam por um processo seletivo, do qual faziam parte cartas de recomendação de pastores e preenchimento de formulários que, entre outras coisas, perguntavam sobre experiências homossexuais. Cláudia conta que deixou a família em Brasília (DF), para aprofundar no “louvor e adoração” com as estrelas do *Diante do Trono*, incluindo a própria Ana Paula Valadão, e outros professores.

Dois anos após o processo de estudo no setor musical, a princípio, haveria uma comemoração aos novos membros do ministério de louvor. No dia em questão, mesmo tendo sido considerada apta a fazer parte do grupo de adoração, ela foi expulsa por ser

lésbica, pela alegação do pastor de que o seletivo arranjo musical não poderia ser associado a pessoas como ela.

Aos 31 anos, hoje é casada com uma mulher. Segundo a matéria, Cláudia fala com certa liberdade sobre sua experiência, porém ainda guarda sequelas do sofrimento intenso nos anos de seminário. No ano em que foi expulsa da escola, ela deixou de frequentar a igreja. Entrou em uma depressão profunda que reduziu sua imunidade a ponto de ser internada com múltiplas infecções. Ela ainda toma 32 antidepressivos e ansiolíticos. A designer não se relacionou com mulheres até então, e foi se apaixonar por uma aluna justamente no seminário. Elas tiveram um caso quase platônico, sem relações sexuais, por considerarem a homossexualidade como um pecado, conforme condicionadas.

Movida pela culpa, ela revelou seus sentimentos à liderança do seminário, que impôs o afastamento total das duas como condição para a continuidade dos estudos.

“Tive que ler um versículo da Bíblia para ela na frente dos pastores. O texto falava que a homossexualidade é abominação para Deus. Ela saiu da sala chorando. Foi horrível”, relata.

De acordo com ela, professores vigiavam os movimentos das estudantes e expunham o caso para outros alunos. Ela diz que teve o computador pessoal confiscado por uma das líderes, que vasculhou o dispositivo para achar trocas de mensagens dela com a outra aluna. Novamente aqui enxergamos o traço sistêmico da não-privacidade e da humilhação como um dispositivo opressivo com fins determinados de punição. Ainda nos é revelado que pastores fizeram continuamente orações para expulsar demônios de Cláudia.

Ela foi levada à Estância Paraíso, um sítio no município de Sabará (MG) pertencente à Igreja da Lagoinha. Ficava isolada, sem saber onde estava, vulnerável a apresentar crises de ansiedade. “Uma obreira a quem pedi socorro disse que minha taquicardia era o mover do Espírito Santo.” O mesmo princípio visto no relato anterior, de conveniência sintomática entregue ao processo de “limpeza”, assim como descrevera Gabriela. Durante três dias, ela cumpriu uma rotina intensa de orações, palestras e cultos, em que ouvia sobre a “cura” de homossexuais, de vícios em bebidas e drogas, conversão de adultérios e arrependimento de pessoas que roubavam.

“É um lugar para casos perdidos, na visão deles. Pessoas com depressão e todo tipo de vícios. No seminário, víamos quem ia à estância como um doente internado no hospital”, nos conta.

Não obstante nos faz pensar como a alocação dos pecaminosos como “almas desprovidas de cristo”, reforça o sofrimento de pessoas que vivem contextos de minorias oprimidas por problemas sociais estruturais, constantemente repetidos pelo sistema como um todo, e o quanto isso enganosamente é transferido para uma responsabilidade demoníaca e também individual, no critério da ação.

O local Estância Paraíso, famoso por abrigar públicos que buscam recuperação pessoal, inclusive de famosos, ligado ao ministério de “cura e recuperação” da Lagoinha, é liderado pela pastora Ezenete Rodrigues, outro nome forte *do Diante do Trono*. Além dos programas espirituais, a Estância Paraíso promove, segundo seu site, programas de acolhimento de grávidas com pautas voltadas ao antiaborto e acolhimento de crianças de 0 a 6 anos de idade, afastadas do convívio familiar por medida protetiva no Estado. As crianças são encaminhadas pela Vara da Família, pelo Ministério Público e pelos conselhos tutelares de Minas Gerais (CORREIA, 2020).

Após o retorno ao seminário, Cláudia foi orientada por uma agente religiosa, também psicóloga, a procurar a Clínica da Alma. Nesse espaço, psicólogos cristãos da Batista da Lagoinha prestam atendimentos sociais que custam R\$ 80 por sessão. A clínica funciona em um dos prédios da igreja, que é dona de vários imóveis em Belo Horizonte (MG). Seu objetivo é, segundo a própria instituição, “trazer libertação e cura para a alma, para o espírito e o corpo do homem por meio do ensino, da adoração e do poder do Espírito Santo” (CORREIA, 2020).

Aqui percebe-se a junção do clínico ao religioso em função de adaptar a diversidade em uniformização normativa, uma dinâmica extremamente nociva para a vida de indivíduos que lutam para atingir uma plenitude identitária e jamais se encaixarão em formatos do “normal” ou “original”, visto que essas localizações não representam o macro conjunto de realidade material das identidades, que podem ser observadas principalmente na história da humanidade.

E como se não bastasse, auxilia a cadeia discriminatória a permanecer forte e atuante no meio social. Quatro psicólogos cristãos atendem no espaço, que, embora se chame “clínica”, é um serviço social sem CNPJ, que não aceita plano de saúde. São oferecidas por lá outras terapias, como quiropraxia e psicopedagogia, e os cursos da “Escola de

Restauração”, que abordam cura interior, aborto, sexualidade, entre outros temas. As aulas presenciais foram suspensas por conta da pandemia, mas os conteúdos podem ser acessados no ensino a distância ao preço de R\$ 299 por módulo (CORREIA, 2020).

Claudia segue seu depoimento, dizendo que naquele meio evangélico, era comum a tentativa de associar o desejo por pessoas do mesmo sexo a problemas com os pais, traumas de infância, abusos ou inveja da pessoa por quem se sente desejo. “Para eles, é um distúrbio que pode ser mudado. Ou seja, acreditam que é possível alguém deixar de ser gay se as causas para esse comportamento fossem tratadas.” Esse fragmento é muito importante ao considerarmos o arranjo metodológico e enunciativo que esses ministérios tratam questões como a homossexualidade e até mesmo temas como o aborto.

Além do princípio partido do gênesis bíblico e de passagens descontextualizadas sobre o teor afetivo e sexual da homossexualidade (HELMINIAK 1998), a igreja acaba por semear noções falaciosas sobre o estabelecimento da orientação sexual, como uma consequência de coincidências generalizadas nas histórias dos participantes fiéis, buscando associar esses enganos ao aspecto “disfuncional” que atribuem a manifestação da diversidade como um todo. Tudo isso respaldado por um viés religioso santificado, biológico e clínico. Rozângela Alves Justino, citada anteriormente, faz parte do grupo que procurou derrubar a resolução que proíbe a cura gay. Ela é uma das fundadoras da *Exodus Brasil*, braço da *Exodus Global Alliance*, uma instituição que promove o discurso de cura de homossexuais internacionalmente. Além disso, integra o Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos (CPPC) e o Movimento Ex-Gays do Brasil (MEGB). Este último foi recebido no gabinete da ministra Damares Alves em 2019 (CORREIA, 2020).

A justiça, até abril de 2021, estipulava que psicólogos poderiam realizar atendimentos em igrejas ou em locais mantidos por instituições religiosas, contanto que a laicidade seja mantida dentro do consultório, o que não acontece. Quanto à atuação da Clínica da Alma, Silva Júnior, Presidente da Comissão de Orientação e Fiscalização do Conselho Regional de Psicologia de Minas Gerais, adverte que “a fé do profissional não pode interferir no atendimento dos pacientes” e explica que “caso haja tentativa de orientação religiosa por parte do profissional, é irregular, e qualquer prática de cura gay é proibida” (CORREIA, 2020).

Comumente, os grupos de pessoas que conseguem desvincular-se do domínio religioso para viver plenamente sua sexualidade se chamam entre si de *survivors* ou “sobreviventes”. O termo vem de um contexto estadunidense, em que a conversão religiosa tem uma agência ainda mais forte do que no Brasil, pela mencionada *Exodus*

*Global Alliance*. Tal informação, pode ser vista no documentário *Pray Away*, na direção de Kristine Stolakis, que conta o relato de cinco evangélicos que, na década de 1970, formam o *Exodus International*, grupo que afirma que gays podem ser “endireitados” através da terapia de oração e conversão. Conta também o processo de emancipação desses cinco indivíduos, destrinchando seus arrependimentos e sua plena vivência sexual nos dias atuais. Foi disponibilizado na plataforma Netflix, no dia 16 de junho de 2021.

Partindo desta denominação de “sobreviventes”, o que podemos entender a partir dos relatos apresentados é primeiramente a forma como o processo de conversão possui um apelo tão poderoso, que deixa marcas onde quer que passe. No caso de Gabriela, ainda que tenha passado por todo o sofrimento e humilhação descritos por ela, permanece em seus pensamentos um estado ambíguo de culpabilização, como se ainda considerasse que pode ser punida pela orientação sexual que apresenta, visto que foi levada a acreditar no meio em que estivera por anos de sua vida. Seu sofrer é apresentado com um tom amedrontado, como se estivesse correndo perigo, considerando ainda que preferiu não se identificar ao contar seu relato.

No caso de Cláudia, temos informações das etapas de vivências mentalmente torturantes na congregação que menciona, que como consequência, provocou complicações diretas em sua saúde mental. É revelado como a maquinária religiosa opera em relação a temática da sexualidade no seio de suas igrejas de forma direta e indireta, articulando massivamente o critério do erro (pecado) e tudo aquilo que é proveitoso ao seu objetivo evangelizador, mesmo que isso seja destrutivo aos fiéis que confiam em uma tão prometida “santificação”.

#### 1.4 – CONSEQUÊNCIAS E IMAGINÁRIO SOCIAL

Um país como o Brasil, fruto de um processo de miscigenação e multiculturalidade, não fica distante de sua realidade identitária diversa de seres humanos. Uma nação de sujeitos que carece, além de educação (tanto curricular quanto social) e recursos econômicos aplicados, desta mesma identificação invisibilizada no decorrer de nossa história, que por consequência são facilmente arrebatados por valores generalizados, advindos de uma lógica de domínio e normatização. Observa-se que o poderoso discurso testemunhal é na realidade uma ferramenta útil da agenda cristã de evangelização ou “guerra ao pecado”.

O que se nota é a equiparação desproporcional e errônea de valores imorais, a realidades de existência, como a orientação sexual, ao que dizem fragmentos bíblicos antigos, descontextualizados e expirados sobre as homoafetividades (HELMINIAK, 1998), e consolidam um critério problemático, com resolução de cunho espiritual, sendo então necessária a procura da libertação e santificação. Neste movimento, subentende-se que a sexualidade jamais será reconhecida nesse contexto como múltipla e somente como binária, sendo aquilo que se pensa sobre sua diversidade rotulada como fruto de uma agenda do “inimigo” que visa subverter o normal, o “criado” divinamente.

Pude confirmar essas reflexões em trabalhos anteriores em que me debrucei a analisar discursos testemunhais de *ex-gays*, que tiveram uma notoriedade significativa na mídia por compartilharem suas histórias de vida como provas de que foram curados de suas condições enquanto homossexuais, como o pastor Paulo Sergio Urias, ou *ex-travesti* Paulette como ficou conhecido.

O que me propus anteriormente foi entender o potencial discursivo e dotado de afirmações claramente problemáticas que consolidam uma mecânica do pensar, do ser e do agir; calcados em um valor moral religioso, quase que intocável, que proporcionam impactos carregados de discriminação e fundamentalismo religioso, traduzidos em seguida em reforços às fobias sociais vinculadas a LGBTQIA+s por “verdades artificiais” absolutas, quando se aponta o contexto social e científico do que é tido como problema (homossexualidade x religião).

Ainda fazer uma observação em como a hegemonia não-cis, heterossexista e masculinista apresentam suas regras bem sucedidas de recolocação, visto que temos relatos de homens, até então assumidamente gays no passado, que vivenciavam suas identidades de uma forma completamente contrária a que é vista em seus testemunhos; inclusive, tais performances são tidas como obstáculos para uma adequação da etiqueta idealizada de homem, que é essencialmente almejada pelo mundo religioso por razões bíblicas de gênese binária (homem x mulher).

A inserção desse segmento foi necessária e ideal a este trabalho uma vez que as reflexões e conclusões tidas anteriormente servem como um plano de fundo (e maior fonte detalhes) em como as noções sobre a homossexualidade aqui debatidas são apresentadas e difundidas pela igreja evangélica, destacando a posição do “ex-gay” como o vetor discursivo. Penso então poder deduzir que esses testemunhos e o que se produz deles, afetam de certa forma o contexto de vivência dos perfis escolhidos para análise paralelamente.

Foi necessário trazer a luz conceitos e reflexões de autores que procuraram entender este complexo jogo de tensões, e como pode-se correlacionar com que está proposto neste capítulo, de refletir mais amplamente sobre as questões de gênero, sexualidade e religião no Brasil contemporâneo. Começando pelas reflexões de Émile Durkheim em sua obra *As Formas Elementares da Vida Religiosa*, fruto também de seus estudos do totemismo australiano, o autor traz insights muito significativos sobre a temática religiosa, tidos como centrais para a sociologia da religião até os dias de hoje. Segundo o autor, a religião seria a princípio uma instituição social que em sua existência, tinha o dever de assegurar o equilíbrio da sociedade, agindo como uma forma de disciplina social (WEISS, 2012). Parece primeiramente um olhar simplista de algo grandiosamente complexo, mas ele afirma:

“A religião passa a ser considerada o lugar privilegiado para se aprender a origem da moral e das categorias do pensamento, até mesmo do pensamento científico. [...] O que é necessário e possível indicar, é um certo número de sinais exteriores, facilmente perceptíveis que permitem reconhecer os fenômenos religiosos onde quer que eles se encontrem.” (WEISS apud DURKHEIM, 2003 pg. 102, 4).

Esse ponto em Durkheim é fundamental para se começar a compreender onde “moram” estas noções “intocáveis” e “inquestionáveis” de moralidade religiosa. Aqui se busca chamar atenção para as igrejas evangélicas, que em sua árvore histórica advém do cristianismo europeu, que construiu de muitas maneiras um pensamento ocidentalizado e uniforme das mesmas morais desde o período colonial, com singelas variações ao longo do tempo. Logo, por consequência, o poder discursivo do divino cristão tem ainda hoje um apelo fortíssimo de consolidação do que é visto como normal, correto e do que é chamado de original.

Para o trato de quem está se propondo a observar a religião como eixo analítico, Durkheim, nas palavras de Raquel Weiss, nos diz que a ideia da religião (ocidental), não deve ser tida como universal, uma vez que não seria correto atribuí-la às religiões mais elementares, na medida em que dogmas e rituais não apareciam aos crentes dessas religiões como algo de teor misterioso, mas como absolutamente natural e inteligível (WEISS 2012).

Desta forma, a compreensão da religião em destaque, faz referência da moderna concepção de que o universo é um conjunto de eventos conectados à figura do “Deus” monoteísta de forma logicamente bíblica, ordenada e necessária. Ou seja:

“São fenômenos religiosos que, articulados de forma sistemática, constituem uma religião que resulta em uma unidade coerente e singular, que não é parte de nenhum outro sistema de crenças, e que, portanto, funciona de acordo com sua própria lógica. [...] Não há vida religiosa (social) sem igreja, pois onde quer que observamos uma vida religiosa, ela tem por substrato um grupo definido.” (WEISS apud DURKHEIM, 2012 pág. 29,104).

A partir daí, pode-se perceber que a religião, enquanto instituição socializada, possui um critério parcialmente “arredado” de existência do todo social, como se existisse uma sociedade dentro de outra, que fincam suas raízes existenciais em um critério homogêneo e uniformizante. Práticas em comum, que geram o comum. Como diz Durkheim, coesão social que tem a função de garantir a sua coesão enquanto regra (WEISS, 2012).

Percebe-se que, semelhantemente, as atribuições de desvalores morais à homossexualidade trazem consigo um peso associativo e culpabilizador da orientação sexual, constantemente articulada a momentos de abuso, uso de drogas, prostituição, orgias e promiscuidade. Todos esses critérios acabam fazendo parte de uma agenda religiosa de demonizar a homossexualidade como um caminho deliberadamente errado e linearmente decadente, quando vinculados a “vícios” e “perdições”, associados à “imoralidade pecaminosa”, solidamente reforçada por um testemunho capaz de concretizar esta intenção pelo seu grandioso peso narrativo, emocional e performático.

A homossexualidade é tida previamente como um estado maligno e “sujo”, onde se desdobram conseqüentemente esse declínio de vida, provocado por um agente invisível, descrito e associado diretamente como “diabo”. Nota-se constantemente o uso de termos como “planos de deus” e “planos do inimigo”, em que se apresenta uma batalha entre bem e mal (MACHADO, 1995) afim de derrotar momentaneamente o lado indesejado pela prática religiosa de ritos e crença aos dogmas, que inclui o abandono do traço identitário por completo, sem que permaneça qualquer resquício dele sequer, de outra forma colocado, de “limpeza” do impuro.

Daí o que torna a libertação religiosa constante é o cotidiano contato com esses dogmas e ritos, que tem como objetivo manter esta “ameaça” neutralizada. Sendo assim,

cabe afirmar que, segundo Durkheim, os ritos enquanto prática social, fazem com que os indivíduos percebam que são diferentes, ou até mesmo distintos do mundo de fora, quando principalmente estão reunidos para celebrar continuamente seus valores em comum. Processos dinamogênicos pelas situações de “efervescência”. Assim sendo:

“[...] assim como a figura de deus, a sociedade (religiosa) desempenha um duplo papel. O primeiro deles diz respeito a sua autoridade moral, que faz com que indivíduos respeitem suas prescrições sem questionar a utilidade ou a adequação das mesmas. O indivíduo obedece porque é preciso obedecer, porque percebe que é uma força superior que lhe ordena, mesmo que não identifique a origem real dessa força.” (WEISS, 2012. Pág. 112).

Notoriamente, vejo que o olhar linear para este “antes” e “depois” contados em muitas histórias sobre conversão religiosa, criam uma espécie de “pós-paraíso” onde é subentendido que após a conversão, caso todas as regras sublimadas forem seguidas arduamente, é possível encontrar a felicidade e plenitude, não existentes no “mundo homossexual”, dotado de “escuridão”, “imoralidade”, “decadência” e “morte”. Um processo figurativo que ignora qualquer teor afetivo e outros contextos de vivências homoafetivas distintas dessas atribuições.

A posição masculina de autoridade e exemplo do pai, aparece como o provocador de autocrítica pela não adaptação do formato heteromascullino, e preenchido pela glória moral religiosa em questão. No que diz respeito a estrutura sistemática e simbólica do testemunho, busquei elucidar, junto aos conceitos de autores que já traçaram reflexões a respeito, os detalhes presentes nas narrativas e discutir seus impactos de consolidação do imaginário social.

Primeiramente, citando as palavras de Eduardo Dullo, ele diz:

“Ao ser visto como uma forma de comunicação e de relacionalidade, é premente que o foco não se restrinja ao testemunhante e sua narrativa, abarcando o receptor da mensagem. Ao ser visto como parte de um ritual performativo, é necessário que se observe o desenlace e os efeitos gerados (DULLO, 2016, Pág. 15).”

Nesta afirmação, o autor destaca um princípio importante de análise do testemunho enquanto uma performance de transbordamentos enunciativos e emotivos, rico em simbologias, que atravessam o espectador em sentido concreto, ou seja, todos os testemunhos correspondem aos efeitos sobre aquele que enuncia e que escuta, sendo a transformação e percepção de si uma apresentação material de mudança e logo legitimação do testemunho. Isso está devidamente ligado ao que Cesar Teixeira define como a construção e lapidação de um valor social através da moral discursiva (TEIXEIRA, 2016), ao observarmos a forma como as histórias são contadas e de onde parte o raciocínio por traz de sua organicidade de apresentação.

No estudo de Teixeira sobre os *ex-bandidos* amparados por igrejas pentecostais em centros de recuperação – para fins de ajuda quanto aos vícios e tudo relacionado a antiga forma de vida – podemos extrair concepções que conectam diretamente ao que se vê nos relatos testemunhais aqui expostos, principalmente no que diz respeito a construção dos mesmos em sentido de “ascensão moral” (TEIXEIRA, 2016).

Percebi anteriormente que as narrativas geralmente iniciam com um trágico momento dado como explicativo ao período de fragilidade social colocado pelos testemunhantes, existe aqui uma delimitação do “antes maligno” que polariza situacionalmente a colocação do imoral (associado ao pecado e as perversões) no discurso. Todos os casos analisados repetiram o mesmo fato de violência sofrida e a consequente “caída” no “meio das drogas e prostituição”, atribuindo estes resultados catastróficos e caóticos à orientação homossexual como a principal ferramenta do “mal invisível”, ignorando complexos fatores de vulnerabilidade social que fazem parte do cotidiano de pessoas LGBTQIA+ (FONTANA, 2020), especialmente transexuais em lugar de prostituição.

Esta forma colocada como explicativa desta imoralidade, até o momento consolidada no cenário religioso, é reforçada quando a narrativa caminha para realçar o “outro lado da história”, o momento em que “tudo termina bem no final das contas”, ou seja, a salvação do indivíduo pelas mãos de deus é efetivada e entendida como a contento. A partir da virada milagrosa da ação divina no cenário particular da vida desses sujeitos, seu lugar corporal de imoralidade é imediatamente recolocado a um patamar moral poderoso, estabelecido pelas regras morais ali inteligíveis a todos os fiéis que participam daquele rito (notável momento quando Robson, um dos *ex-gays*, apresenta sua família tradicional ao público, por exemplo). Esta virada do “antes e depois” no discurso performatizado (BISPO, 2019), é o que vai registrar no imaginário social dos ali presentes, todas as

enganosas, injustas, descabidas e perigosas atribuições negativas quanto a diversidade, e sobretudo, as orientações sexuais adversas à hegemonia moral normativa.

Desta forma, a partir de Teixeira, podemos afirmar que aquele que enuncia um relato capaz de tal aspiração moral, desfruta desse prestígio gerado pelo testemunho em sua dimensão performática e pela santidade religiosa então atribuída ao que tem a palavra (TEIXEIRA, 2016). Para tal dinâmica se estabelecer com tamanho poder de influência, os testemunhos precisam exprimir um forte apelo a quem escuta pela magnitude dos sofreres postos a público.

O estudo de Raphael Bispo (2019) acerca de testemunhos religiosos de conversão de mulheres da mídia, traz à tona a questão da narrativa essencialmente emocional e sentimental que uma apresentação testemunhal proporciona aos ouvintes, com destaque na forma como são elaborados esses sofreres. Destaco aqui um trecho importante que amarra nossa reflexão até o momento:

“Logo, gestos, comportamentos, circunstâncias, contextos, conjunto de elementos performáticos, deve acompanhar as estratégias discursivas do testemunho, tornando-se ele uma narrativa oficial, normativa e estilizada. [...] Fala-se assim, pela via da temporalidade de um “antes” da conversão como uma “vida de pecados” e um “depois” marcado por mudanças de conduta e o alcance das graças pela aproximação com o espaço congregacional e a experiência de um não estilo de vida (BISPO, 2019, Pág. 118 e 119).”

Quando por aqui me refiro ao critério do sofrer dentro da análise, não significa deslegitima-los de forma alguma, mas exprimir sua relevância a partir de seu sentido estrutural em um enunciado pensado para gerar impacto orgânico discursivo proposital, como forma de levar a palavra de deus e sua “verdade” a quem está disposto a ouvir.

No caso, algumas diferenças são ligeiramente notadas quanto aos testemunhos trabalhados, em comparação com os dados apresentados por Bispo (2019), visto que eram homens relatando e glorificando seu reposicionamento a este lugar gênerificado de poder, ou seja, o homem heteromascuino (NOGUEIRA, 2017). As falas dos testemunhantes apresentavam emoções chaves sendo descritas, como raiva, vergonha, frustração, medo, ressentimento – para caracterizar o “antes” – e mais tarde de arrependimento e orgulho, provocadas inclusive por traumas e situações de clara discriminação, como violências sofridas na infância e em relacionamento parental distante, ainda mais com a figura do

pai da família. Para quem assiste a esses testemunhos, tais momentos de “trevas” fazem parte de um passado marcado pelas erradas “opções” tomadas quando seus rumos de vida estavam vinculados ao pleno agir de suas sexualidades.

São temporalidades em que essas aplicações de sofrimento demonstram a falta do critério divino, resultante em termos fantasmas como “vazio” e “angústia” (BISPO, 2019). Todo o sofrer vivenciado pelos agentes, no final se converte em um massivo compilado de informações que se transformam para os ouvintes em noções inteligíveis de realidade, e logo em fobias sociais (então, permitidas indiretamente pelo critério de crença), sendo consequentemente materializados em discriminação e violências, tanto veladas quanto explícitas, dentro de uma engenharia religiosa social de reforma uniforme dos sujeitos.

Os testemunhos tornam-se pilares de exemplo do que fazer de correto e ao mesmo tempo reproduzem a bem sucedida aplicação da hegemonia do que se considera normal, mesmo que já se tenha avançado no contexto geral da sociedade sobre o quão complexo o ser humano é em relação a sua pluralidade. Outro ponto que marca a consolidação do testemunho é a realidade do “pós-salvação” que encaixam os testemunhantes em um formato solido e moral de “ser homem” para um contexto que possui ideias concretizadas pela normatividade sobre o ser. Os momentos em que os testemunhantes demonstram as “imperfeições” encontradas sendo uma pessoa homossexual no passado, articulam com o público o quanto a passagem da “bichinha” para o “pai de família” no presente é resultado da santificação conquistada em suas vivências.

Uma transformação agêncial na própria performance de apresentação de si ao externo, utilizando artifícios fabricantes desses sentidos, como esposa, filhos, formas de fala, trejeitos e roupagem masculina. Em suma, é muito importante atentarmos aos poderosos aspectos que a articulação do testemunho tem através de sua devida apresentação e reverberação. A partir de uma dimensão individual, é possível em larga escala produzir sentidos ilusórios, dependendo do que se propõe, na subjetividade do âmbito sociocultural. E não de forma macro desordenada, mas através de setores como a linguística, a moral, o jurídico, o político e por fim o histórico (DULLO apud PIERRON, 2010).

A produção de potentes palavras enviesadas de critérios particulares a certa crença, podem provocar no cenário social o fortalecimento de problemas sociais estruturais que já há muito tempo lutam para sua emancipação de liberdade. Desta forma, o imaginário de “problema” da homossexualidade e/ou pluralidade do ser, é concretamente inteligível

e aplicado no meio social. Se mesmo depois de décadas, um projeto visa através da política ameaçar a liberdade social em busca de reprimir a sexualidade alheia a um modelo único de ser e estar, prova que temos ainda um longo caminho no progresso social. Destaco também como é perigosa essa não-laicidade com que projetos como a “cura gay” podem chegar próximo ao fato de se tornar lei, e o que isso representa para a comunidade LGBTQIA+, sem dúvidas um enorme retrocesso sem precedentes.

Entende-se a vulnerabilidade com que a comunidade é exposta todos os dias, por um ato opressor sistêmico intangível desses indivíduos. A opressão humana que é vivenciada das mais variadas formas pela nossa sociedade, e por longos séculos, não oferece exatamente as melhores possibilidades ou oportunidades a todos os seres. E quando abordamos aqueles que sempre foram marginalizados, não se sabia detalhadamente nem sobre sua complexidade até o início dos anos 2000. A repressão sexual sempre foi uma realidade. O choque de gerações também se faz presente ao compararmos quem ainda insiste nessas articulações antigas e arbitrárias, fruto de uma educação doméstica e cívica dos valores morais religiosos.

Desta forma coube alguns questionamentos como: é possível o desenlace desta tensão? É possível um legítimo respeito aos espaços comunitários que compõem uma sociedade para um convívio harmônico? Ou será que estamos condenados a sempre gladiar entre nós por discordâncias de valores específicos e a conseqüente violência da sobreposição dos mesmos? Até quando a instituição igreja vai permear sua agenda uniformista, estando intocável aos protestos das diferenças evidenciadas? Será que manter-se tradicional a todos esses valores é positivo para sua permanência? O resultado que isso provoca por fim no todo social, não importa? A tentativa de conversão já se provou nociva a saúde mental de quem passa por ela. É um problema grave que passa pelo terrível aspecto do suicídio.

O que se torna, acredito, sedutor ao que procura permanecer neste lugar de “ex-gay”, é como o bem estar do ser “normal” e do “santo” é convidativo, especialmente quando outros “normais” e espiritualizados apresentam essa possibilidade de segurança social ou validação do ser pela moral. Uma espécie de “você pode ser um de nós, seu sofrimento não é à toa, ele pode acabar”, em detrimento a vida de sofrimentos que compõem uma realidade LGBTQIA+, de humilhação, deslegitimação de suas afetividades e de suas nuances características, que não são responsabilidades de enfrentamento da comunidade apenas, ou justificáveis, mas das fobias sociais vinculadas ao desafio perante o formato normativo de existir. O sistema opressor não é fruto de um

diabo, foi consolidado e é repetido por nós, seres humanos. O caminho de uma sociedade coerente e sincronizada com sua diversidade, é um dos trajetos para nos enxergarmos como nação civil participativa e consolidada. Mas ainda temos um longo percurso a seguir e obstáculos para serem identificados e enfrentados.

Após colocado o plano de fundo no que se refere as problemáticas estruturais destacadas, vejamos como isso se reflete na vida individual de nossos entrevistados, a partir de suas experiências compartilhadas, parte central deste estudo.

## **2. CAPÍTULO 2 – DILEMAS, SOFRERES E VIVÊNCIAS**

A pesquisa central do trabalho consistiu na seleção e análise de entrevistas em profundidade, sendo então 6 realizadas no total, com homens auto declarados gays entre 27 anos a 60 anos, no intuito de apresentar suas experiências a partir da vivência na igreja evangélica, acompanhando assim sua trajetória religiosa no contexto de suas identidades sexuais bem como refletir se percebem mais detalhes atualmente frente a tais dilemas. O intuito é pensar metodologicamente quem são esses evangélicos gays em seus contextos de passagem pela igreja evangélica, levando conjuntamente em consideração o contraste de temporalidades. Entender quais razões levaram a esses homens se afastar do ambiente religioso visto que foram engajados a religião por um tempo considerável.

Para o roteiro utilizado no desenvolvimento das entrevistas, foram selecionados quatro momentos centrais sobre as trajetórias de vida dos entrevistados para aprofundamento. Primeiro, saber sobre como foi a inserção dos entrevistados na igreja evangélica. Detalhes como: desde quando, qual o papel da família nessa introdução, se foi por conta própria em certo momento, ou por influência de terceiros (colegas da escola, amigos de infância), e claro como aconteceu esse contato.

Depois, busquei perguntar quais os dilemas e obstáculos enfrentados nesse processo, evidenciando os detalhes de sofrimentos escondidos, velados e suprimidos, no intuito de entender quais as possíveis mudanças acarretadas, as transformações da fé, suas “interrupções” (BISPO, 2021) no contato com a igreja, as motivações pessoais de afastamento, enfim, os trânsitos que acarretaram, inclusive, o posterior desinteresse pela igreja enquanto instituição a se frequentar, visto o engajamento demonstrado dos entrevistados na vida religiosa nesses períodos. Tais momentos da entrevista se deram através de uma conversa, com indagações pontuais no percurso, como por exemplo, a

saber sobre as etapas de passagem entre infância, adolescência e vida adulta, as histórias de sofrimento, as estratégias de acomodação e etc.

Após, em um terceiro momento, propus conversar sobre o que irei conceituar neste trabalho como sendo as *cicatrices*, ou seja, aquilo que permaneceu dessas experiências religiosas na vida atual, seja em qualquer aspecto dela, como reflexos da experiência individual de cada entrevistado em contraste ao que marcaram suas vivências futuramente e atualmente, levando em foco os dilemas e sofreres. Ao final, propus aos entrevistados que oferecessem um olhar sobre todo o trajeto e as observações do mundo atual, tentando extrair a percepção desses homens sobre a conjuntura presente, em detrimento das experiências compartilhadas. Portanto, a indagação do trabalho se relaciona principalmente a essa ascensão institucional da igreja nos assuntos que tangem direitos sociais básicos, juntamente com as trajetórias demarcadas para se explicitar um possível reflexo do que afirmo.

A análise dos períodos descritos pelos entrevistados é feita considerando os conceitos de "teleologia heterossexual", normativa como já mencionado, que incluem a influência cristã nesse contexto. Também são consideradas as ideias sobre os processos ao longo do tempo, especialmente os problemas causados pelas verdades absolutas fundamentalistas presentes em versículos religiosos, ou na concepção binária entre o bem e o mal, certo e errado. Isso é especialmente relevante quando se discute o conceito de "pecado". (NATIVIDADE, 2006).

Entender qual seria o papel da igreja nessa intersecção de eixos da sociedade (sendo a vida privada, a esfera pública política e o mundo cívico) quando consideramos as oposições ideológicas entrando em choque; e logo, nos impactos consequentes de tal colisão na vida de LGBT's que praticaram ou ainda praticam o cristianismo.

## 2.1 – CONHECENDO OS PERFIS – LUGAR, FAMÍLIA E INSERÇÃO

Foram analisados seis homens cisgêneros auto declarados homossexuais. Selecionei três rapazes mais jovens entre 25 e 29 anos, cujo contexto de inserção na igreja se deu por volta de 2003 e 2009, enquanto os outros dois selecionados, de 36 anos para mais, tiveram sua inserção por volta de 1976 e 1980. São então contextos sociais e históricos bem diferentes, em uma diferença média de 15 a 30 anos. Aqui visa-se o contraste geracional desta diferença e de como isso se converge no atual. Os nomes foram

alterados para priorizar o anonimato e as informações foram consentidas em serem disponibilizadas nesta pesquisa, através de um termo visto e assinado pelos mesmos.

As entrevistas duraram cerca de cinquenta minutos a uma hora e meia, e todas foram realizadas de modo online na plataforma google meet. A seguir, descrevo brevemente os perfis dos entrevistados:

### ***Mateus***

Mateus é um rapaz negro, nascido em Juiz de Fora, Minas Gerais, e vem de um lar de classe humilde, de trabalhadores evangélicos. Atualmente tem 29 anos, sempre estudou em escola pública e é formado em linguística, com especialidade na comunicação de linguagem de sinais (LIBRAS). No campo da religião, hoje o jovem se considera agnóstico teísta, ou seja, não afirma ou segue nenhuma religião, mas não nega a possível existência de algo divino ou alguma “força” superior, como assim descreve. Teve sua inserção desde o nascimento na igreja evangélica através da família, onde frequentou igrejas como a Igreja de Deus do Brasil, a Casa da Benção, a Presbiteriana do Brasil (IBP) e a Igreja Quadrangular. À medida que foi chegando na fase da adolescência, entre os seus 14 para 15 anos, seu interesse pessoal pela religião evangélica só cresceu, e logo a participação de modo geral nos eventos e tarefas da igreja se tornaram ainda mais constantes.

Sua inserção posterior mais profunda não foi insistida pela família, visto que ele já havia conquistado um espaço de amizade, compromissos e de rotina semanal. Dentro da congregação, exercia atividades como dança, fala e interpretação de línguas de sinais, teatro, lideranças de jovens em acampamentos e até a prática de instrumentos musicais. Era uma figura de referência agêncica na igreja. Pela sua experiência com linguagem de libras, participou de várias coligações e eventos compartilhados entre igrejas vizinhas. Sua inserção na igreja se deu até os 26 anos quando então rompe sua participação, segundo ele definitiva.

### ***Marcos***

Marcos é de Niterói, tem 60 anos atualmente e considera-se pardo. Vem de uma família de retirantes nordestinos. O pai era sargento da marinha e a mãe do lar. É formado e atuante como médico, casado com seu companheiro há bons anos e diz não possuir

atualmente religião. Foi primeiramente batizado na igreja católica, tendo seu primeiro contato com religiões cristãs desde o nascimento. Frequentou posteriormente a Igreja Batista e, entre os 21 anos até os 28, a Igreja Presbiteriana do Brasil. Faz parte de uma grande família de oito irmãos, sendo ele, durante o período aqui separado, o caçula. Foi então mais cobrado que os demais no compromisso religioso, dado o momento de maior devoção dos familiares e sua condição de menor de idade.

Conta que seu pai, militar, era ausente e não tão participativo das idas a igreja, mesmo que compartilhasse dos valores. Marcos participava semanalmente da escola dominical, dos cultos matinais, dos cultos dominicais a noite e dos cultos que seus vizinhos planejavam, as chamadas células. Fazia parte de uma rede social religiosa interativa, tanto de pessoas da vertente pentecostal, onde morava, quanto batista, no lugar de seu crescimento.

De 17 anos para os 18 anos, após o primeiro emprego, começou a se afastar da igreja que frequentava e mais tarde veio a frequentar outras, como a Presbiteriana do Brasil, esta inclusive parte de um bairro nobre em Niterói. Não permaneceu muito no contexto da igreja e passou a se juntar com um grupo de jovens que faziam cultos por conta própria, mas todos membros da congregação. Isso tudo aos 22 anos, segundo seus relatos. Passou a liderar células, sem requisitar por essa liderança, na função de planejar os sermões nesses cultos. Por fim, os pequenos grupos de células se uniram em um grupo grande, por decisão da igreja, e ele se viu na tarefa de coordena-las. Aos 24 anos, após entrar para uma faculdade de medicina, passou a morar em uma república de evangélicos, pessoas da sua própria igreja. Não demorou nos anos seguintes a abandonar a religião, mesmo que posteriormente amigos antigos o procurava para convidá-lo a ir nos cultos. Não via mais sentido em frequentar a igreja dado o momento em que se via livre para viver como desejava.

Após esse momento, passa a frequentar espaços LGBTQ+ (ou seja, bares, eventos, festas e etc.) e a participar discretamente dos movimentos gays da época, dado o contexto dos anos 1980 e 1990.

### ***Lucas***

Lucas é um rapaz negro, nascido na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, atualmente com 27 anos. É arquiteto e urbanista, e se considera evangélico não-praticamente. Nasceu em um contexto socioeconômico de classe média baixa, sendo a

família católica não-praticante, e assim esta permanece até hoje. A partir dos 15 anos, Lucas teve contato com a religião evangélica através das células no colégio federal quando fazia o ensino médio, por meio dos convites de outros jovens. Passou a frequentar a igreja evangélica Batista Resplandecente Estrela da Manhã (IBREM) e a Igreja Presbiteriana do Brasil, sendo batizado aos 17 anos.

Por lá, ele passou a participar do teatro, nas partes multimídias e do louvor da igreja, tanto no coral quanto no *backing* vocal. Sua rotina de participação se dava nas quintas, sábados e domingos, fora as células que aconteciam periodicamente no meio da semana. Participou também do “Encontro com Deus” que consistia em uma viagem de 3 dias a um lugar afastado para imersão total nos estudos bíblicos e do contato com Deus, assim como descreve. Hoje costuma dizer que ainda crê na religião evangélica, mas de “forma pessoal”, sendo seu contato com a fé algo fora de qualquer instituição religiosa.

### **João**

João tem 59 anos atualmente, se considera uma pessoa não-branca, nascido no Rio de Janeiro, na periferia de São Gonçalo. Possui extensa formação acadêmica e hoje, além de atuar como professor universitário adjunto na área do Serviço Social, coordena projetos voltados à referência de saúde, cidadania e ao ativismo político LGBTQIA+. Não é de família de origem evangélica, sendo o pai, segundo ele, anarquista e a mãe, mãe de santo da umbanda.

De situação humilde, foi provido pelo pai, que trabalhava como funcionário público federal e a mãe era do lar. Por conta das situações de abuso que sofrera na adolescência por pessoas próximas da mãe e que frequentavam sua casa, veio a se converter à igreja evangélica por volta dos 14 anos. Isso graças também ao convite de amigadas da sua escola.

Foi batizado na Igreja Presbiteriana do Brasil, e frequentava junto a Mocidade Presbiteriana, ou seja, o grupo jovem evangélico. Sempre foi liderança dos grupos de estudos e retiros que participava, além de fazer parte do auxílio pastoral na igreja. Ao longo dessa experiência, passou a tentar evangelizar os pais por conta da umbanda por um tempo, como era instruído na igreja (visto a demonização de religiões de matrizes africanas). Só então, aos 20 anos, que diz ter se desvincilhado do cenário evangélico, até posteriormente se encontrar no candomblé. Para sua formação acadêmica, escolheu o

caminho da psicologia e do serviço social, muito influenciado pelo aconselhamento e o trato social que viveu nessa trajetória religiosa, segundo ele.

Hoje é ativista e um grande nome intelectual na área de saúde e cidadania LGBTQIA+, juntamente com os estudos sobre gênero e sexualidade que coordena e desenvolve.

### ***Saulo***

Saulo é um homem branco, de 36 anos, nascido e criado em Juiz de Fora, Minas Gerais, onde atualmente reside trabalhando como instrutor de pilates. Se considera como sem religião e diz não fazer questão de seguir ou saber de nenhuma outra. Desde o nascimento, foi inserido no contexto religioso, uma vez que sua família é composta inteiramente de testemunhas de Jeová, um dos circuitos evangélicos mais rígidos e regradados. Saulo era escalado para ir de porta em porta falar com as pessoas sobre os ensinamentos bíblicos segundo esta doutrina, um contexto conhecido no Brasil. Saulo entendeu-se gay por volta dos 13 anos.

Existia uma pressão familiar significativa na permanência de Saulo na igreja, além de alta rigidez da congregação que afetava seu círculo familiar, visto que seus pais auxiliavam os cultos como diáconos. Sempre foi muito disciplinado e seguia tudo à risca, logo era também engajado nos ministérios. Sobre seus trejeitos, diz não se enxergar como um homem afeminado, mas reconhece possuir uns aqui ou ali. Na sua adolescência, o fato de alguém desconfiar de sua sexualidade lhe causava reações de raiva, frustração, mas não eram tão recorrentes.

Aos 22 anos, Saulo abandonou a igreja, após iniciar uma relação com outro rapaz que conheceu nos chats pela internet, lugar que na época era o mais discreto e favorável. O mesmo, após um grande desentendimento familiar, precisou sair de sua casa e buscar sua independência. Com a ajuda do parceiro, conseguiu se estabelecer e hoje, apesar do ocorrido, tem uma boa relação com os pais, mas fora dos olhares da igreja.

### ***Paulo***

Paulo é um rapaz branco, de 25 anos, nascido em Dourados no Mato Grosso do Sul e atualmente é residente em Juiz de Fora (MG). Se considera hoje sem religião. O jovem foi inserido na igreja evangélica desde o nascimento, pela família também

religiosa. É formado em artes e cinema e faz trabalhos de performer como drag queen, estilo inclusive incorporado do sertanejo, referência direta de suas origens. Frequentou igrejas em sua maioria da coligação batista, uma delas sendo a Igreja Batista Boas Novas. Paulo se entende como um rapaz gay aos 12 anos.

Sempre se considerou e soube da condição de ser afeminado, e isso trouxe experiências desagradáveis, tanto na igreja quanto na escola. Além disso, Paulo tinha um intuito evangelizador muito forte, ou seja, pregava para qualquer pessoa que se aproximava e até mesmo pelos bairros e vizinhanças; isso fez com que ele se tornasse rapidamente um destaque no cenário religioso e um exemplo para a família, composta dos pais e mais quatro irmãos, sendo ele o caçula, todos evangélicos.

Nesse período Paulo relata que engajou bastante também com as artes na sua passagem pela igreja evangélica, o que segundo ele marcou até mesmo a noção do que iria seguir pela sua vida. Era figura de liderança de jovens, eventos e parte do elenco artístico da congregação, tanto no teatro, no louvor quanto na dança. Seu engajamento foi tanto que na época as pessoas ao redor diziam que ele deveria ser seminarista. Nos seus 17 anos, Paulo então sai da igreja e veio morar em Juiz de Fora para estudar, marcando sua cisão com o ministério evangélico. Sua passagem, apesar de ter sido a mais breve dos entrevistados, em comparação com as demais trajetórias, não deixa de ter sido uma das mais intensas em questão de imersão e interesse do entrevistado.

## 2.2 – DILEMAS SILENCIOSOS – RELATOS, SOFRERES E EXPERIÊNCIAS

Nessa exposição seguirei a ordem respectiva que apresentei os perfis acima, começando por Mateus (29). Ao ser indagado sobre os dilemas e sofreres enquanto um rapaz gay no contexto religioso evangélico, ele nos conta que sempre soube ou percebia que era diferente dos demais garotos. Durante o período de participação na igreja, ainda na sua fase de adolescência, revelou-me na entrevista que precisava conciliar essa descoberta da sexualidade com o contexto que estava inserido. Seu primeiro contato com outros rapazes gays se deu a partir de seus 15 anos de idade, sempre de forma discreta.

Conta que a questão com a própria sexualidade permanecia dentro dos pensamentos, não era exposta e nem conversada com seus pares no seu ambiente social. Inclusive, Mateus diz ter namorado garotas de sua idade no processo, e imaginava que

tudo era uma fase, algo que poderia desaparecer, conforme evoluía nas relações com pessoas do gênero feminino.

A tranquilidade de ter esse respaldo do namoro heterossexual também era um fator que contribuía para a não revelação pública de seus desejos homossexuais, pois a partir disso, não levantava suspeitas e nem olhares de condenação. Aos 24 anos, entretanto, Mateus não mais omite sua sexualidade, sendo a partir dali o ponto de virada de sua trajetória religiosa. Durante toda a adolescência, manteve-se em omissão de si para que fossem evitados problemas, conforme diz. Mas no decorrer do tempo, isso foi se tornando desgastante e sem sentido, mesmo considerando que não era esse o seu foco para com sua fé e seu gosto pessoal pelas idas a congregação. A vida afetiva não era um impedimento próprio (até então) para frequentar os espaços religiosos e nem abandonar a religiosidade, até pela razão dele ser uma figura interessante à igreja, pelas funções que possuía e pelas relações afetivas com os outros membros. Ele diz:

“Eu era uma pessoa interessante para a igreja, não era interessante de ser perdido, eu contribuía muito, participava muito. Então perder esse tipo de membro seria perder uma pessoa muito ativa e também muito querido porque eu cresci naquele ambiente, então assim desenvolve aquele carinho, aquela afeição. Como não era muito interessante eu nunca tive essa cobrança. Porém, à medida que você vai ficando mais velho, refletindo, aprendendo mais sobre si, isso começa ser um pouco incômodo pela sensação de que você está fazendo algo errado por opção, porque você sabe que não tá fazendo algo de errado, mas ainda assim você participa de um grupo que acredita que você faz algo de errado, então você acaba sendo colocado em um lugar de erro. [...] O mais desafiador foi isso, primeiro lidar com essa sensação de que tem algo errado, imperfeito, enquanto colocado nesse lugar. Eu tinha em mente essa sensação.”

A principal virada para sua trajetória se deu por conta do contexto das eleições de 2018. Opiniões de membros e líderes, como pastores e diáconos, que antes eram ocultas, passaram a ser escancaradas, todas envolvendo principalmente política e homofobia. Mateus conta que não era o único LGBTQ+ na igreja que frequentava, mas todos seguiam essa cartilha de omissão de si, para não levantarem suspeitas e, conseqüentemente, a

atenção da igreja. Eles, apesar de reconhecerem a diferença uns nos outros, nunca falavam sobre a temática da sexualidade, era bem silencioso, mas estava ali, dizia Mateus.

Mais tarde, nesse contexto, conta que se tornou uma “caça às bruxas”, e muitos tiveram a mesma ação que ele de desejar se desvincular da igreja. Mateus então contextualiza como eram os cultos e a postura dos pastores a partir dessa conjuntura:

“Esse lado político dele [pastor] se sobressaía. Todo domingo no culto um bom pedaço era ele reforçando suas opiniões. Colocando aquele discurso tipo ‘temos que apoiar isso porque é errado o que fazem’. Errado porque? Ah por que esse governo (PT) apoia isso, isso e aquilo, e daí tudo vem à tona e fica escancarado. E aí é onde eu começo a perceber, não só em um, mas em vários outros espaços, o escancaramento de assuntos que eu não queria falar. Ficava um ambiente desconfortável. O que mais me incomodava pra ser sincero era a questão política, pois eu discordava de tudo o que o pastor tava falando e tanto porque eu não achava a igreja um lugar adequado pra isso. Eu não gosto de ter contato com discussões políticas, aí eu vou pra igreja e tenho que ficar ouvindo isso tudo, compactuar e concordar? Aí comecei a fazer o que, ia até a parte da música e depois ia embora. Já sei o que vai acontecer aqui, vai ter aquele discurso de novo, orar pra fulano de tal que era da política blá blá, po to gastando gasolina do carro pra isso? Eu ia em todo lugar e sempre se repetia esse cenário.”

A frustração de Mateus foi se intensificando a partir do que passara a perceber dentro da igreja. Coisas que até então não eram evidenciadas ou discutidas. O ambiente para ele passou a se tornar algo digamos hostil, ainda que pessoalmente fosse discreto em afirmar sobre a própria sexualidade. Passou a ser algo indiretamente desconfortável, pois as pautas se tratavam de questões que ele sentia que o esbarravam significativamente, principalmente os discursos de cunho LGBTfóbico. Foi aí que decidiu não mais participar dos cultos, deixando para trás toda aquela experiência de comunidade que gostava. Isso representou um momento de tristeza para o entrevistado.

Ao ser questionado sobre como ele visualiza esse cenário hoje, acima descrito, nas vivências congregacionais que tem contato (informações, casos e etc.) por terceiros, ele nos conta:

“Não dá mais pra um LGBT ter uma rede social e participar da igreja, de boas. Hoje não é mais uma questão da sua pratica [sexual]. Você pode não ter a prática, mas aí cê ouve a música da Pablllo Vittar, bota lá no stories de fundo, daqui a pouco vem o seu líder lá dos jovens da EBD [escola bíblica dominical], vai falando: ‘olha não é legal porquê as músicas que você tá compactuando não edifica’. Aí eu noto que hoje não basta a pessoa se silenciar, ela tem que se anular mesmo, se apagar. Tem que ser algo muito mais escondido do que pra família... você tem que fazer uma escolha. Ou fica firme e se posiciona ou sai, uma muito inquisitória. Agora você é responsável pela imagem da sua igreja. Se descobrem, você é isolado, excluído.”

Verifica-se aqui o que Da Silva e Barbosa (2016) evidenciam sobre a recorrente estratégia que pessoas LGBTQIA+ usam para se proteger de formas punitivas das expressões sexuais e de seus desejos, ao mesmo tempo que podam suas falas, a forma de caminhar e de se vestir para que não sejam confundidos com as identidades reificadas de gays e lésbicas (DA SILVA, BARBOSA 2016).

Nota-se quando Mateus fala sobre se apagar ou se anular, que percebemos como existe esse cenário forçadamente secreto, em que se teme a descoberta dele por terceiros. Seria uma espécie de “armário dentro do armário”, uma vez que o status de membro da congregação a qual frequenta o impele de obrigações não só agenciais sobre si, mas também de imagem.

A vigilância do corpo eclesiástico na conduta do fiel pode ser enxergada inclusive nos trabalhos de Raphael Bispo sobre as passagens de artistas por igreja evangélicas (2019, 2021). É exponencialmente maior devido ao fato de influência pública desses atores e, logo, o impacto direto na reputação da igreja em questão. A experiência de Mateus se assemelha em muitos pontos com a de Marcos, mesmo compondo gerações distintas.

O médico nos conta que se percebia diferente ainda criança, e desde então sofrera uma cobrança de masculinidade muito forte no cenário doméstico. Ele diz que essas cobranças o fizeram auto gerenciar suas nuances e características, inclinadas para alguém discreto, masculino e heterossexual. Sendo assim poderia passar despercebido ao pré-julgamento alheio. Passou a adolescência até os 16 anos sem ter nenhum contato relacional, tanto com meninos quanto meninas. Foi daí que começaram as pressões sobre

ter uma namorada para apresentar a família, e assim o fez, por duas vezes, mesmo sem nenhum interesse. Henning (2016) verifica esse acontecimento em torno dessa impossibilidade de escapatória do namoro e do casamento heterossexual, ainda mais se tratando dos anos 1980, época da adolescência de Marcos. Ele diz:

“Desde criança eu notava que tinha atração por rapazes, mas o assunto de sexo era sempre um tabu. Era proibido. A gente acabava tendo algum contato sexual as escondidas, com revistinha de sacanagem, então assim, desde pequeno eu aprendi que eu tinha que me reprimir, prender a minha sexualidade, porque era pecado, era feio, inaceitável. Com 16 pra 17 anos eu não tinha namorado ninguém ainda, aí eu tive que arrumar uma namorada, e da igreja. Não gostava dela, mas era alguém pra apresentar na família e tudo mais. Aí arrumei uma outra com 19 anos, mas sempre sabe, pensando que não era aquilo, eu sabia que não era. Me sentia culpado, o tempo todo orando pedindo pra que deus tirasse aquilo de mim, me transformasse. Se fosse hoje em dia, diria que isso era tipo uma cura gay (risos), era o que naquela época eu queria. Passei por várias paixões platônicas, meninos da igreja inclusive, ficava naquela de – ‘irmão, irmão aqui, irmão lá’, mas na verdade eu estava apaixonado. Nunca cogitava em falar com ninguém, e assim foi até os 24 anos de idade.”

Toda essa vivência era respaldada pelo cenário congregacional, que o fazia retraindo a sexualidade, mesmo sentindo interesse por membros da própria igreja. Porém, isso nunca era exposto. Foi somente aos 24 anos que veio a se assumir, e como consequência membros desse círculo social da congregação e até de sua família passaram a tratá-lo de maneira diferente, estranhando seus comportamentos até então velados.

Esse era um grande medo de Marcos, que, ao se lembrar desse momento, também confessa até ter tratado outros homens gays de forma diferente, inclusive considerados afeminados, que vieram a se assumir antes. Era com um certo receio e vergonha, por preconceitos enraizados no mesmo. Segundo Marcos:

“Lembro de uma vez um primo meu falou comigo que eu andava rebolando, falava: ‘para de andar assim igual maricas’, e eu nem entendia o que significava, só tava andando naturalmente. Meu irmão mais velho

falava pra eu engrossar a voz, nos meus 16 anos isso, imagina? Aquele momento que a gente vai mudando a voz mesmo. Na igreja eu era bem discreto, muito na minha. Eu acho que eles não sabiam entendeu? Mas assim tinham os que eram claramente gays, que não conseguiam camuflar, disfarçar. Eu pra ser franco tinha vergonha de andar com alguns.”

“Tinha um amigo na época de 20 e poucos, trabalhava em obra missionária, ele também foi e tal, e aí ele tava noivo, falava que foi curado e tal, mas adorava andar abraçado comigo, e aquilo me incomodava, até porque ele era mulheríssimo assim sabe? (risos). Eu gostava dele no privado, mas nos ambientes públicos eu ficava incomodado, eu que tinha preconceito, que tava arraigado. Depois esse cara sofreu discriminação braba, se envolveu com outro rapaz, também afeminado, dessa mesma congregação. Tiveram um romance, e aí esse outro, que era mais novo, acabou entregando tudo em um excesso de culpa, nisso eles foram expulsos, foram esculachados mesmo. E curioso porque teve um caso de traição de uma mulher com um cara lá que abafaram, mas no caso deles não fizeram questão.”

Nesse trecho da entrevista, Marcos dá detalhes de como eram tratados aqueles que se evidenciavam ou admitiam seus então considerados “pecados”, em uma fase de grande turbulência que é a adolescência para a vida adulta, onde o seu próprio medo de não ser jogado no mesmo balaio de frutas o mantinha em total alerta. Isso mais tarde o fez seguir outros caminhos. Marcos prossegue:

“Quando eu fiz 24 anos, eu passei no vestibular, mas como eu morava em São Gonçalo, e a universidade era a UFF (Universidade Federal Fluminense), eu tinha que trabalhar e acordar muito cedo, e tava ficando bem cansativo. Então eu consegui me mudar, pra tipo uma república. La só não era república de estudantes, era de evangélicos, de pessoas da igreja. Então eu fui né, daí um dia eu tava de tarde, em um dos intervalos, uma das brechas, um dos rapazes que moravam lá chegou pra mim, e só estávamos eu e ele, do nada ele falou, se abriu pra mim, disse que era homossexual, que ele tinha aquela dificuldade, que já tinha

tido experiências e tudo mais, e aí depois de muito tempo eu cheguei até a pensar: será que ele tava me cantando? (risos) porque eu era muito bobo, muito inocente, mas acho que não, o que ele queria era cumplicidade, e eu naturalmente falei com ele, depois dele admitir, que eu também era, parecia que eu tinha falado pra 30 pessoas já, mas essa foi a primeira vez.”

Marcos conta que depois desse momento, seu amigo veio a ser como um mentor sobre a vivência homossexual, algo que ele não tinha tanto contato e experiência devido sua trajetória na igreja e a pressão familiar. Citava sobre pontos de encontro, banheiros secretos, boates escondidas e etc. Foi nesse período que ele diz ter rompido tanto seu relacionamento heterossexual, quanto com a igreja, mesmo sendo diácono. Sentia como se tivesse vivendo uma vida dupla, e então foi se afastando. No contexto familiar, nos conta de um episódio mais recente envolvendo seu irmão caçula:

“Meu irmão mais novo, que mora em São Paulo, sempre foi evangélico, já sabia que eu era gay. Uma vez, depois de eu ter sido padrinho em um casamento gay, o primeiro do Rio, saiu na imprensa e tudo, ele viu no meu facebook uma foto, e aí fez maior sermão nos comentários (risos), claro apaguei o comentário, foi super nada a ver, e mandei logo em seguida no inbox um textão, tudo o que ele tinha que saber, foi a primeira vez que tivemos uma conversa franca. Daí ele ficou quieto e não falou mais nada. Depois do meu casamento ele não falou nada, não desejou felicidades nem nada, por conta disso discutimos feio, ele me disse coisas horríveis, que eu era uma abominação pra deus, coisas desse nível. Daí 3 meses depois fui tentar contato e ele tinha me bloqueado, e assim ficou por uns anos.”

A seguir, temos os relatos de Lucas (27 anos), que traz algumas similaridades com os demais aqui citados, principalmente envolvendo relacionamentos com mulheres, com quem inclusive fora casado, até recentemente. Sua família católica, apesar de não-praticante, sempre foi incisiva sobre a questão do pecado e do erro em se permitir ser gay ou dar vazão a certas práticas. Assim, a homofobia familiar fazia parte da vida de Lucas, principalmente em impedir que ele se relacionasse até amigavelmente com garotos que

fossem afeminados. Através do teatro dentro da igreja, no caso da arte, ele revela que foi por lá que pode se expressar melhor. Segundo ele, praticamente todos do grupo de teatro da igreja são hoje LGBTQ+ assumidos, ou seja, o teatro era um lugar de encontro para extravasar suas individualidades.

Conta que não se considerava afeminado nem por ele mesmo e nem pelos outros. Sua homossexualidade passava despercebida, algo comum até então ao compararmos os casos. Conforme relata:

“No teatro as pessoas encontram, através da expressão da arte, uma forma de extravasar a questão da sexualidade né. E aí a gente tinha nossas agendas de apresentações nos encontros com deus. [...]Hoje muitos dos amigos que também estavam no teatro são LGBTQ's então a gente se encontrava ali em um lugar de conseguir libertar um pouco isso. Porque de forma geral eu nunca fui afeminado, não tinha trejeitos e tudo, mas eu tinha amigos que eram, e era assim pesado. Eu tinha um amigo que as pessoas olhavam pra ele diferente, por exemplo tinha os que se expressavam na dança, e aí entenderam que era feminino demais, que era uma forma exagerada disso e aí cortaram. Eu tinha também as minhas questões, mas dentro da igreja não tinha espaço pra se falar sobre isso. Então qualquer que seja o nível dessas questões você acaba não tendo ninguém pra se abrir, ou a coragem pra isso.”

Hoje ele vê o seu processo de auto entendimento como muito mais lento do que outros LGBTQ+. Sempre quis estabelecer família, mas não compreendia o que ele realmente sentia ou o que pudesse sentir livremente, uma vez que escutara constantemente o quanto era um erro ceder à tentação. O processo de aceitação aconteceu ainda dentro da igreja a partir dos 20 anos, visto que ele diz que orava para que o sentimento desaparecesse, mas percebeu que isso não era possível. Por pressão, namorou garotas e até chegou ao casamento, que durou por 1 ano. Conforme relata:

“Foi por volta dos 20 anos que eu consegui perceber que: bom não vai sumir, porque eu achava que ia. Eu passava horas em oração pedindo pra deus tirar, por causa do que eu achava sobre ser um erro, e aí em algum

momento eu concluí que não ia. É um processo muito solitário, ainda que tivesse o grupo do teatro e tals, mas a gente não conversava sobre entre nós sabe? O que acontecia era que quando a pessoa tava ali no processo de entender a sexualidade, ela de repente saía, não voltavam mais a igreja ou então eram taxados de ‘desviados’. [...] E nesse momento a gente não descobre o amor, é tudo muito arrastado, secreto, naqueles momentos bonitinhos de adolescência mesmo, a gente perde isso. Os heteros já podem usufruir disso tranquilamente, já pra nós vem esse monte de problema, obstáculo.”

“Eu fui descobrir minha sexualidade de forma ativa muito tarde sabe? Porque eu acreditava nesse modelo heteronormativo, de família tradicional e tal, tanto que acabei entrando em um casamento, então tipo não era mais só sobre mim. Eu me casei virgem inclusive, tinham um movimento na igreja evangélica que chamava ‘eu escolhi esperar’, e eu fui por ele. Então foi muito difícil me descobrir. Essa coisa da castidade impede muito de você se conhecer. Agora que eu to conhecendo minha sexualidade, eu posso ter sentimentos por mulheres, por homens e só nesse momento que eu vejo isso com certa tranquilidade. Mas assim, as vezes eu sentia que meu corpo não queria me levar pra aquilo ali, você se obriga a estar em um relacionamento que não quer, e perde muitas oportunidades, de ficar inclusive com outras pessoas, é um prejuízo psicológico. O lance do pecado é um negócio que eu trato em terapia até hoje. [...] Era aquela coisa, ou eu vivia a sexualidade ou eu vivia a religiosidade, fadado a segurar isso pro resto da vida dependendo do que eu decidisse. Se eu não tivesse sido criado ou tido essa trajetória com tantos impedimentos, hoje estaria bem mais feliz, bem resolvido com meu corpo sabe? Sem precisar da terapia, que está caro (risos).”

Lucas ainda revela um momento de intenso constrangimento na igreja que passou durante o período de separação. Segundo ele, a igreja possuía um conselho de sete homens, que eram definidos pelos membros. Após o seu processo ter sido exposto, ele foi chamado pelo pastor a esse conselho para uma possível “resolução do problema”:

“Tinha um conselho lá [igreja], tipo uma democracia (risos), os membros da igreja definem outros membros, que eram sete homens, que falavam em nome deles. Por exemplo, aconteceu algo na igreja, como foi na minha separação, era exposto. No primeiro momento o pastor tenta resolver entre a gente né, a gente conversou e aí você tem a sua situação aberta. Por eu estar casado pior, que envolvia ela também. Se fosse o caso de eu recuar, e decidisse manter o casamento, a situação só ficava exposta naquele núcleo ali, o pastor e a gente. Mas não foi meu caso, eu meti o louco (risos) quis sair daquilo, eu tava com muitos questionamentos e muitas confusões. Daí a questão então se abre pra além das sete pessoas. É fofoca ne? Que fala. Em progressão todo mundo já estaria sabendo. Acabou sendo uma exposição em massa.”

Tal momento o leva a deixar a igreja graças às tensões recorrentes que passara a ter: as indiretas dos líderes, os tratamentos diferenciados ou piadinhas veladas. Lucas passou aos poucos posteriormente a estabelecer uma relação individual com a própria fé, sem necessidade de frequentar um templo. No momento, tem buscado viver aquilo que fora impedido e condicionado a não viver plenamente. Ainda se questiona sobre ser gay ou bissexual, mas não faz diferença para ele, enquanto puder exercer plenamente a própria sexualidade. Conquistar a própria independência também o ajudou a ser desprendido de continuar dando satisfações sobre sua vida afetiva à família e à igreja.

Seguimos com o relato de João (59 anos), que mais uma vez passa por pontos similares já traçados pelos demais entrevistados, mas detém detalhes de uma experiência mais profunda e dolorosa. Ele conta que desde sempre teve trejeitos afeminados, seja na forma de falar, caminhar e de agir. Dentro de sua casa era repreendido por tal postura, ouvindo a típica frase “não honra as calças que veste”, sendo então submetido a esse revestimento de masculinidade. João revela que teve contato sexual com homens muito cedo em brincadeiras de infância, e ainda evidencia os casos de abuso sexual que sofrera por conhecidos da família. Posteriormente, graças a esses fatos e a culpabilização da homossexualidade, houve tentativa de suicídio.

Foi a partir desse ponto que a inserção na Igreja Presbiteriana do Brasil foi realizada através de amigos e conhecidos de João aos 14 anos, cuja postura foi de “acolhimento” graças ao trágico momento. Dentro do cenário, além de chegar a fazer parte do conselho pastoral e de liderar grupos de estudo bíblico, ele conta que sua

experiência congregacional consolidou em sua percepção das relações homoeróticas e homoafetivas como erradas, forçando-o a ter uma vivência heterossexual, namorando mulheres por um bom tempo:

“Ela de uma certa forma [Igreja] me resubjetivou, eu dei um basta nas minhas relações homoeróticas e homoafetivas, dei um tempo pra tudo. Forcei uma barra de namorar meninas. Não só da minha igreja, mas de outras também. [...] Eu acabo sendo “consertado”, incorporando esse desejo nunca efetivado por mulheres. A verdade é que rolava na surdina maior sacanagem nas igrejas (risos) seja homoerótica, homoafetiva, hetero, tudo, e aí você vai conhecendo o povo. Me lembro de várias situações nesse sentido, porque a igreja chamava atenção de quem dava pinta ou cometia certos atos indevidos, até porque não tinha os confessionários né, igual na igreja católica. Quem tinha cometido algo que se arrependeu acessava o aconselhamento pastoral, eu trabalhei muito com isso na igreja inclusive. E aí mandava orar, jejuar, evitar o pecado essas coisas. [...] Quem estava em pecado ia na frente da igreja dizer seus pecados e pedia perdão pra congregação.”

Mais tarde, João chegou a receber o aconselhamento pastoral quando um de seus casos homoeróticos veio à tona, sendo induzido a se sentir culpado pelo “erro”. Se desvencilha posteriormente da igreja mais por motivos políticos e não necessariamente pela sexualidade, segundo ele. Deteve do amparo da igreja para se construir como sujeito, mas isso teve impactos e disputas pessoais diretos dada sua sexualidade. Ele conta:

“A gente não tinha esse termo fundamentalismo né, era só visto como a palavra, a verdade. Então a palavra ou essa verdade de deus condenava as relações homoeróticas, homoafetivas e homossexuais, tá lá em Eclesiastes capítulo 3 né (risos) ‘não deitarás com outro homem como se fosse uma mulher’, porque é isso há um interdito, tanto no velho testamento quanto no novo. [...] Então assim na igreja tinham muitas censuras; quando a gente ia pra retiro tinha a separação de homens e mulheres, e no quarto dos meninos rolava umas coisas, e tudo naquela lógica da culpa, do pecado, então a gente não falava, era segredo.”

“Teve um rapaz de Nova Friburgo que me envolvi que acabou falando. Daí o pastor me chamou, chegou no ouvido dele né aquela coisa. E aí tinha aquela indução, de te fazer se culpar, de se arrepender, um processo psicológico violento ta? A gente passa isso por decorrência de uma doutrina. Eu por muitas vezes acabei sendo cúmplice desse processo quando aconselhava enquanto auxiliar pastoral. [...] Então é um controle dos corpos, um controle da sexualidade, das vestimentas, isso assim em um contexto de uma igreja tradicional, que tem influência do rito, não igual essas “igrejas modernas” que tem instrumentos tipo guitarra, bateria... não na minha época era hinário, cânticos, tudo muito contido.”

João também revela que se apaixonou dentro de uma relação abusiva, e diz nunca mais ter se apaixonado da mesma forma, tudo dentro desse contexto religioso. Quando saiu da igreja aos 20 anos, posteriormente percebeu que o processo o fez ser alguém que, por conta dessa roupagem exigida do homem, do masculino, da força imperativa, foi algo que o destruiu, mas também o fortaleceu, que o fez abraçar o lado como uma característica marcante de liderança, que sempre sentiu possuir, e hoje aplica no seu ativismo político, nas bibliografias de suas aulas, nas pesquisas acadêmicas sobre saúde e cidadania LGBTQIA+, tanto de forma presencial em ocupações de audiências públicas, quanto nos congressos e seminários acadêmicos.

A seguir temos a história de Saulo (36), imerso no cenário evangélico desde o nascimento, mais especificamente como Testemunha de Jeová, fortemente influenciado pelo contexto familiar. Sua experiência religiosa envolveu participação ativa em cultos semanais, reuniões em grupo de jovens, estudos bíblicos e eventos congregacionais, moldando sua identidade desde a tenra idade. Ao atingir a adolescência, por volta dos 13 anos, Saulo começa a perceber os sinais de sua sexualidade, que por consequência trouxeram desafios significativos ao seu vínculo com a igreja e uma profunda luta interna.

A rigidez do segmento religioso familiar do qual pertencia foi um ponto notável de seus relatos. Segundo ele:

"Era cobrado [pela família] constantemente, tinha que mostrar que eu era devoto o tempo todo. Eu tinha vários receios né um dos meus irmãos, o mais velho, eu sou caçula, somos três irmãos; ele vivia falando que se tivesse irmão viado ele ia meter porrada todo dia, entendeu, o meu

irmão do meio também era meio assim, aliás todos na minha família no geral eram uns bem preconceituosos. Hoje a relação mudou uns para melhor e outros para pior."

O templo, segundo Saulo, estabelecia regras estritas de convívio e postura, com a possibilidade de ser até mesmo expulso do círculo social da igreja, caso algumas delas não fossem seguidas. A ideia era anunciar essas punições para evitar o desvio dos fiéis, como vemos a seguir:

"Tinha umas punições justamente para evitar isso que você saia né, uma das coisas assim que eu sempre temi né quando eu tava lá, era justamente o fato de eu sair e ninguém lá poder falar comigo depois né porque eles fazem esse ostracismo, se você sai ninguém que permanece lá dentro pode manter contato contigo, então esse era meu maior medo."

"Desde quando me batizei, que foi com 12 anos e com 13 eu descobri que eu era gay, aí eu fiquei nesse dilema e pensei comigo mesmo vou manter em segredo enquanto der né. E aí com 17 anos eu fiquei com um rapaz meio às escondidas assim sem ninguém ficar sabendo, gostei pra caramba, pensei é isso que eu quero pra minha vida só que eu não tinha independência, dependia dos meus pais e aí eu segurei até os meus 22 anos, depois que eu tive finalmente a coragem de me assumir"

Saulo percebeu que as abordagens da igreja em relação à homossexualidade, apresentadas em pregações e eventos religiosos, frequentemente enfatizavam a possibilidade de cura pela fé, uma perspectiva que o deixava angustiado. Os congressos religiosos, em particular, intensificavam a pressão ao promover a ideia de que a fé poderia reverter a orientação sexual. Destaca algo recorrente nos relatos, a respeito da relação amorosa heterossexual como o sadio e correto.

"Eles [igreja] como a maioria das outras igrejas principalmente evangélicas condenavam a homossexualidade e inclusive faziam palestras a respeito, tanto condenando quanto reforçando o amor cristão sadio, ou seja, hetero né, e quando eu escutava me batia um sentimento de divisão que eu tava ali mas ao mesmo tempo eu n pertencia, tinha impressão que aquilo tudo era para mim, mesmo ninguém sabendo da minha situação eu

encarava como se fosse uma mensagem direcionada a mim e eu me sentia mal pelo o que falavam, por exemplo que os homossexuais seriam destruídos, que no passado Deus matou não sei quem ai falava de Sodoma Gomorra, não sei mais o que. E assim tinha noites até difíceis de dormir sabe pensando no que você escutou lá dentro, foi muito ruim isso."

"Lembro que eu assisti uma palestra onde o ancião ne o pastor ele tava falando sobre Sodoma e Gomorra. E aí eu tava sentado na primeira fileira nesse dia e daí ele tava falando que dentro daquela passagem em que anjos foram avisar Ló que a cidade ia ser destruída e os sodomitas ao notar a presença dos anjos belos, queriam ter relações com os anjos e aí o irmão falou assim gente vocês imaginam bem um anjo perfeito como ele não devia ser bonito ne, daí eu tava lá na primeira fileira assim imaginando caramba eles deviam ser uns maior gostoso (risos) mesmo, então assim eu me senti mal porque eu estava desejando estar em Sodoma e Gomorra! (risos) pensamentos intrusivos. Depois disso eu pensei gente eu preciso dar um jeito na minha vida."

Aqui percebe-se que as pulsações de sua sexualidade ganhavam contornos maciços e claros, logo entravam em dissociação com sua realidade religiosa. A ideia de rejeitar seus desejos e se auto censurar em pensamentos foi se tornando mais frequente e intensa, uma vez que o jovem era um atuante notável (tido inclusive como exemplo de conduta); outro ponto de encontro com os demais relatos. Segundo ele:

"Eu era a pessoa mais aplicada que você pode imaginar, não faltava nenhuma reunião, eu ia de casa em casa bater na porta das pessoas de manhã cedo, lia Bíblia todos os dias, já li a Bíblia inteira, fazer oração antes das refeições, nossa eu era um menino exemplo. Aconteceu alguma coisa o pessoal falava não o Saulo é exemplo."

Aqui aparecem dilemas sobre projetar os "problemas" em ser gay a partir do que culturalmente se desenhava sobre a expectativa do "futuro homossexual".

"Eu lembro que na época eu fiquei assim num conflito muito grande porque eu fiquei triste comigo mesmo, já que eu não queria isso para mim. Como se eu tivesse uma visão do futuro me enxergando lá na

frente vendo tudo o que eu poderia passar e que de fato eu passei sendo muito difícil pra mim e eu não queria isso eu queria ter uma vida como a dos meus amigos, dentro da igreja, no caso ter uma namorada casar ter filhos enfim eu queria ter aquela vida que todo mundo tinha sem passar por muita dificuldade além daquilo que eu estava esperando."

Ao ser questionado sobre os próprios trejeitos e a presença de outros como ele na congregação, Saulo relata:

"Tinha bastante! (risos). Às vezes eu ia lá assistir às reuniões e aí chegavam visitantes, irmãos novos e tal, alguns eu até senti atração ficava olhando assim que rapaz bonito, mas eu não podia falar com ninguém ou com nenhum amigo que realmente sabia tudo (ou quase) sobre a minha vida. Tinha uns e outros que eu pensava em contar, mas nunca tive coragem sabe e aí assim acontecia de chegar pessoas novas eu me atrair, mas ficar quieto ou de eu me apaixonar por amigos em segredo e ninguém ficar sabendo."

"E assim eu não me observo com trejeitos, mas eu tenho amigos que falavam que eu tinha todo jeito de viado não sei o que ou então aqueles que falam nossa nem saberia se se você não falasse viu. Meus pais foram um exemplo disso porque quando eu falei eles ficaram chocados e mesmo eu dando todos os sinais dançando Beyoncé sabe (risos) minha mãe nunca imaginava, aliás achava que eu estava namorando escondido uma outra menina lá da igreja que eu andava colado."

"Mas eu lembro de uma certa ocasião, ou duas, isso não acontecia só na igreja mas também no colégio, as pessoas reparavam alguns trejeitos meus e tanto que na igreja um amigo meu, inclusive o que eu era apaixonado (risos) ele falou comigo que uma amiga nossa em comum tava suspeitando que eu era gay, me lembro que quando ele falou isso eu fiquei muito putado revoltado (risos) muito putado mesmo minha vontade era de ir lá e dar um esculacho nela mesmo sabendo que ela tinha razão! e da outra vez no colégio ou melhor as várias vezes acontecia dos meninos me

chamarem pra perguntar se eu era gay e eu ficava muito enfurecido, eu não gostava nada nada (risos).”

O percurso biográfico de Saulo durante o período compreendido entre os 13 e 22 anos é marcado por uma transformação significativa, especialmente no que tange à sua percepção e vivência da sexualidade. Neste intervalo temporal, observamos uma mudança pessoal progressiva no qual Saulo, ao se permitir explorar e compreender sua identidade sexual, experimenta uma desconexão gradual com os preceitos e normas eclesiais que anteriormente norteavam sua vida.

No limiar da juventude adulta, Saulo se viu confrontado com questionamentos intrínsecos relacionados à sua sexualidade, culminando em um processo de autoaceitação e autenticidade. À medida que se entregava a essa jornada de autodescobrimento, o rapaz internamente se confronta com as escolhas que mais temia fazer até então, na qual as crenças religiosas que até então constituíam um pilar fundamental em sua existência começaram a ser desafiadas. Ele diz:

"Eu precisava ter certeza se era aquilo que eu queria mesmo, pensei então eu devia tentar ficar com um homem pra ver o que eu quero da vida. E aí foi assim que eu decidi marcar um encontro com um rapaz na internet, naquela época era o MSN e o chat do UOL ne (riso) daí conversei com o rapaz durante uns dois meses, marcamos depois de nos encontrar no cinema e lá eu fiquei com ele e assim mega adorei, pensei é isso mesmo que eu quero, só que eu não posso me assumir agora uma que eu sou de menor 17 anos e sou batizado. E assim lá segundo as doutrinas quando você batiza, você vai progredindo até conseguir cargos na igreja e eu tava quase sendo um diácono que é um assistente ministerial. E aí quando você comete um pecado mais grave você se confessa para os anciãos e dependendo do Pecado você é repreendido e não desassociado, ou seja, você não é expulso até então, só sofre algumas disciplinas lá dentro.

“Na época eu fiquei de consciência pesada depois e eu sabia que podia apenas ficar nos beijos para não ser expulso pois se fosse pra ter relações sexuais eu teria que sair mesmo, não era permitido de forma alguma. Então acabei indo em um dos anciãos e falei tudo, que eu tinha

ficado com o menino, que eu tinha gostado muito, mas agora estou aqui confessando.”

“Ele não me recriminou, mas leu um texto da Bíblia explicando que aquilo era errado e tal, me elogiou por ter conversado, me deu alguns conselhos, alguns textos pra ler e tirou alguns privilégios que eu tinha na igreja. Sobre a conversa ninguém ficou sabendo, foi somente eu e ele, porém assim depois surgiram vários boatos por conta da disciplina que eu tomei, então especulavam o que tinha acontecido, inclusive se eu poderia ter ficado com um rapaz e tal, e por eu nunca ter feito nada de errado. Então aí todo mundo ficou sabendo que eu fui disciplinado só não sabiam o motivo né.”

A frequência à igreja, antes uma prática regular e arraigada na rotina de Saulo, perdeu gradativamente sua relevância em face da emergência de uma nova compreensão de si mesmo. Esse ponto de inflexão, no qual a busca pela autenticidade pessoal se choca com os preceitos institucionais, revela-se como o momento crucial de cisão na trajetória de Saulo. A decisão de afastar-se da igreja não é apenas uma renúncia a práticas religiosas, mas sim um ato simbólico que expressa a priorização da integridade pessoal sobre as normas sociais e religiosas preexistentes. A narrativa de Saulo, portanto, oferece uma perspectiva esclarecedora sobre a complexidade das dinâmicas individuais no contexto da identidade sexual e das convicções religiosas.

"A essa altura, nos meus 22 eu tinha conhecido um rapaz que me apaixonei e as coisas foram parando de fazer sentido, eu comecei a não ir mais as reuniões, o pessoal da igreja ficava perguntando porque que eu não ia e eu não dava muita satisfação para ninguém mais, passava algum deles na rua eu trocava de calçada, assim evangélico sempre foi muito fofoqueiro né tomando conta da vida de todo mundo, depois de uns dois meses tendo contato com o rapaz e não mais ter muito contato com a igreja, via minha mãe chorar pelos cantos.

“Em um sábado cheguei, ela tava fazendo almoço e chorando falei mãe por que você tá chorando? Aí ela começou a falar ah você tá usando

drogas, você tá desviado, aí eu fiquei puto né? Primeiro que não foi essa educação que ela me deu e fiquei chateado por ela desconfiar justamente disso, pensei quer saber vou contar pra ela. Chamei ela para o meu quarto ela ainda tava chorando muito perguntando o que estava acontecendo, aí falei mãe você quer realmente saber a verdade? você nunca mais vai me enxergar da mesma forma. Daí né ela já ficou assustada, arregalou o olho, mas falou é eu quero saber sim, daí eu disse bom eu estou namorando uma pessoa que não é da igreja, aí ela disse ah o problema é uma mulher fora da igreja? como é o nome dela? Aí eu falei então mãe não é uma mulher, aí ela meio incrédula falou ah então é uma menina novinha? aí eu falei mãe você não tá entendendo eu estou namorando um rapaz tem dois meses... Aí ela ficou em estado de choque paralisada, olhando para o nada, completamente muda. Daí ela só virou e falou é meu filho isso não esperava mesmo não... levantou e continuou fazendo as coisas que ela tava fazendo.

“Depois disso o medo era se a gente contava pro meu pai e ele me colocar pra fora de casa, aí eu falei mãe eu vou fazer o que você falar. Daí ela me disse para não contar, no caso mentir que eu tava namorando uma menina que não é Testemunha de Jeová e assim eu fiz. Mas no dia seguinte ela já mudou de ideia falando que eu não podia mentir. Meu irmão do meio foi quem contou no final das contas, ele é inclusive um ancião/pastor na igreja. Uns dias depois cheguei em casa, minha mãe tava com uma cara péssima, ela me disse: ou você termina o namoro e continua aqui em casa ou você sai. Fiquei em choque, comecei a chorar. Acabou que meu irmão mais velho me ajudou, aconselhou, falou que nossos pais deveriam me aceitar do jeito que eu sou, e que se eu precisasse dele, iria me apoiar. Depois disso eu resolvi sair mesmo, morar sozinho, ela ainda pediu perdão mais tarde, mas a vida adulta no meu caso começou a partir daí.”

Atualmente, está em um relacionamento e seu parceiro é bem acolhido pelos pais, mesmo que estes ainda mantenham suas crenças religiosas. Contudo, a necessidade de manter o relacionamento em segredo do círculo social vinculado a igreja persiste (ainda mais no que tange seus pais, que são engajados ativamente), uma vez que revelar a

verdade pode resultar em represálias por parte da congregação. O irmão do meio não mantém contato com o entrevistado há mais de uma década, desde que este tinha 22 anos.

Embora Saulo estivesse disposto a reconciliar, o irmão opta por manter uma distância. Surpreendentemente, o irmão mais velho, que era notoriamente preconceituoso, agora trata o entrevistado com respeito. Ele se revelou como um forte apoiador desde que Saulo se assumiu, demonstrando uma mudança significativa em suas atitudes. O entrevistado então conclui:

"A lavagem cerebral é tanta porque assim não só no assunto homossexualidade, mas qualquer coisa por exemplo xingar um palavrão, eu ficava de consciência pesada e tal um negócio de louco inexplicável. Até hoje eu fico dividido porque uma parte de mim estava na igreja por causa da minha mãe que até hoje é a mais aplicada tá sempre pondo a galera para frente, vamos ler a Bíblia e tal não sei o quê, então uma parte estava por conta dela e a outra parte estava pela fé e acreditava alguma coisa até então em ocasiões me sentia bem de estar ali mas até hoje eu sou dividido não sei no que acreditei não sei se acredito tem hora que sim tem hora que não sabe. Eu sempre tive uma boa comunicação com a minha mãe e se não fosse as disciplinas, a igreja, os valores e tal eu teria me assumido a muito mais tempo inclusive quando eu tinha 13 anos. E se eu fosse hetero teria com certeza durado mais tempo lá."

"Quando eu sai da igreja eu fiquei com peso na consciência enorme achei que eu ia para o inferno que eu ia morrer que não sei o quê que Deus não me escutava, pensava o pior de mim porque era isso que eu aprendi lá dentro e aí até eu me libertar esses pensamentos foi muitas noites sem dormir e muitas noites chorando sabe eu me assumi com 22 lembro que até os meus 25 26 eu ainda brigava muito com a minha consciência."

"Eu vi pessoas da igreja na rua e aí eu ficava nossa que a pessoa vai pensar de mim ou às vezes minha mãe falava ah fulano de tal já sabe que você tá se relacionando com um rapaz eu ficava nossa o que eu vou fazer agora assim, até eu chegar na atual circunstância que eu me encontro que eu estou pregando o: se ninguém paga minhas contas, não opina.

“Sou mais tranquilo hoje, mas até eu fazer essa transição demorou muito, não é uma coisa que vem da noite para o dia. Ainda bem que deu tudo certo porque poderia ter dado muito errado! Eu poderia ter ficado sem ter onde morar. Descobri ainda mais tarde que o motivo de eu ter sido colocado pra fora foi por pressão do meu irmão do meio, falando que se eu não saísse uma hora ia chegar usando uma saia, uma peruca e seria a vergonha da família, toma cuidado. Ela me pede desculpa até hoje, falando que não entendia que gays poderiam ser homens masculinos que sente atração por outros, achava que eram só pessoas afeminadas, vê bem coisas de pessoas de gerações antigas. Já meu irmão nem fala comigo, hoje é ancião e pasme o melhor amigo dele é gay (risos).”

Por fim, temos o relato de Paulo (25). O jovem também seguiu a trajetória evangélica do berço, similar a Saulo. Não somente isso, os dois perfis tiveram seus inserimentos por influência familiar desde pequenos e mais tarde o interesse próprio aflorou-se. Paulo descreve essa sensação de inserimento como algo estabelecido como absoluto, essencial. Ele diz:

"Nunca tive uma percepção de convertimento, a igreja pra mim no contexto era o universo, a verdade absoluta. Eu sempre tive um contato próximo com as artes, nesse ponto eu gostava de ir na igreja, às vezes eu ia e meus pais ficavam em casa, mas assim a influência maior mesmo com a igreja veio pelo meu pai. Então muita coisa me prendia também, os grupos de jovens, a parte artística dos Ministérios tanto teatro, música, enfim muito do que eu levo para a vida hoje. Mas assim minha família toda segue, a gente pede benção, ora antes de almoçar ou jantar, sempre foi uma presença firme."

"Tinha um grupo tipo escoteiro na igreja que chamava os embaixadores do Rei, o grupo tinha cargos e eu cheguei a subir em alguns; era tudo bem regrado tinha acampamento e tal, também fazia parte do ministério infantil até o ponto de cuidar das crianças mais novas que entravam na igreja. Fazia parte do Ministério de Louvor e ficava encarregado do culto das crianças porque tinha o culto dos adultos e das

crianças sabe? Ih cheguei a dar aula nas escolas bíblicas dominicais, fazia parte do ministério de dança. Era muito ativo, ia nas quartas, nos sábados e nos domingos. Isso tudo aos 10 anos e depois fui batizado com 11 ou 12, se não me engano."

Paulo sentia a obrigação de compensar sua realidade enquanto um rapaz gay, ao envolver-se ativamente em diversas responsabilidades na igreja. Por evidenciar trejeitos desde cedo e logo atrair a atenção da família para a questão, isso o levou a desenvolver precocemente uma autoconsciência dentro do ambiente familiar, principalmente relacionada a seus comportamentos e como era lido por eles. No entanto, sua participação nas atividades religiosas refletia uma tentativa de desviar a atenção desse aspecto de sua identidade, resultando até mesmo em um convite para assumir o papel de pastor seminarista. Isso ao mesmo tempo que começara a explorar sua sexualidade, conforme conta:

"Quando eu tava com 12 pra 13 que eu comecei a compreender um pouco mais né, começa a querer ver vídeo, começa a ficar mais afoito com aquelas coisas todas e eu andava com muitos meninos e aí rolava aquela coisa de *broderagem*, com primo, com amigos, que eram tanto da escola quanto também da igreja. Mas vida sexual propriamente dita foi a partir dos 17."

"Para mim o mais difícil era o fato de eu ser afeminado, sempre sofri bullying na escola, me chamavam de David Brasil (risos). Rio disso hoje, mas eu sofria muito. Eu sabia que isso acontecia então na minha percepção deveria me comportar como um homem masculino da forma como eles queriam que eu fosse. Então a igreja insistiu muito sobre isso, me frustrava demais sabe, depois eu comecei a ter uma prática sexual então quando acontecia pedia perdão depois me culpando. Teve inclusive um rolê que eu e um amigo, a gente sentou para assistir uns pornô e depois a gente fez uma oração, na verdade eu puxei pela culpa e tals. E ele me zoa até hoje sobre isso (risos). Mas se pensar no contexto psicológico que eu estava na época, isso foi muito ruim."

"Esse grupo dos escoteiros que eu comentei tinha muito disso de elevar a masculinidade, eles me respeitavam porque eu era colocado como modelo das coisas, ou seja o nerdzinho que sabia tudo que fazia, tudo perfeito na escola enfim, tinha que ser também perfeito na igreja. Teve uma vez que, assim eu sempre gostei muito de dançar e aí eu queria participar do grupo de dança, tinha uma festa chamada Festa das Nações, tipo uma festa junina, mas da igreja porque não podia festa junina já que é católico e aí eles colocavam umas bandeiras e tinha coisas de cada país. Então era permitido todas as crianças dançarem ou participarem, se apresentarem e tals, nisso estava eu mais três meninos dançando, de resto só meninas, porém depois acabou que a gente teve interesse de permanecer no grupo de dança infantil e aí ficaram só dois meninos inclusive os dois afeminados da igreja (risos) o outro ainda mais afeminado que eu. Foi aí então que o pastor mandou tirar a gente. Assim eu era uma criança então eu não entendi aquilo, eu gostava muito de fazer e não entendia o porquê só poder ter menina. Foi daí que eu comecei a cogitar ser questão de feminilidade, sentir que era. Porém assim eu sou meio atrevido (risos) então depois, pra eu poder dançar, montei um grupo só de meninos na igreja. O pessoal gostou até e como tinha esse rotulo de meninos, nenhum deles tinha mais medo de ser taxado de gay."

"Eu era muito daquele tipo de evangélico que queria ser santidade, queria pregar para todo mundo, eu ia na rua batendo de porta em porta evangelizar e tudo mais e aí eu tinha uns amigos na escola, acabou que eu os levei pra igreja. Um desses amigos que eu acabei levando se assumiu mais tarde e inclusive namora um menino hoje em dia. E o filho do pastor também era (risos)."

Interessante nesse fragmento onde Paulo se vê questionando um dilema a respeito da colocação de gênero permissiva e não permissiva, quando se tratava em dançar com um grupo de meninas. Em seguida o contraste ao relatar ter formado um grupo só de meninos, obviamente com movimentos e proposta artística muito diferente de quando eram somente meninas. A partir daí o "dançar" perde o peso feminino, já que ele passa a ser realizado por meninos para meninos. E claro, para o público que assiste não rejeitar

aquela alocação já por si só transgressora pela ideia da dança, lugar usualmente gênero-feminizado pelo feminino nesses espaços. Fora que o jovem tinha um engajamento pessoal poderoso no espaço religioso, onde além de pregar e evangelizar, tentava tornar as coisas interessantes e logo mais aderentes.

Nesse fragmento a seguir, Paulo explica como a igreja e seus valores atuavam em suas percepções e anseios futuros:

"Eu sempre fui do tipo que queria encontrar o amor da minha vida e a igreja falava muito sobre isso e sobre sexo, mas sempre como algo depois do casamento. Eu comprava muito a ideia, aquela coisa do namoro antes, santificado e tal, daí isso sempre ficava na minha cabeça, então eu me forçava pela pressão a tentar namorar, mas as meninas não queriam nada comigo e pensando hoje né eu era bem gay (risos). Só que sempre teve essa pressão de falar para namorar uma menina e eu senti que isso era geral para todos os meninos, não como algo particular a mim. Eu cheguei a namorar uma menina, mas era algo muito adolescente, e morávamos a distância. E ambos gostavam de *the vampire diaries*, umas coisas assim (risos) e meu pai conversava comigo sobre respeitar, não sair transando com a menina, ele crente que eu era meu irmão né? (risos). Aliás tenho 4 irmãos, todos evangélicos, um deles pastor da pentecostal."

Aqui vemos como se repete a questão de obrigatoriedade da experiência amorosa heterossexual. No mesmo passo de Saulo, o entrevistado durante seus anos de adolescência, começava também a questionar o propósito de todo seu dilema, uma vez que seus trejeitos, desejos e vontades apareciam com mais força. Em contrapartida, sentia culpa, vergonha. O jovem, que frequentou muitas pregações, conta em particular da vez que assistiu a um pastor "ex-travesti":

"[...] me lembro de ter achado ele até bonitinho na época (risos). E aí tava ele lá com a esposa dele fazendo uma pregação de vida, colocou como se justificasse toda a feminilidade dele no fato de ter se entendido mulher colocando os pais dele na questão, por conta de abuso e tudo mais, e aí eu me lembro de me questionar porque eu sempre tive problema com meu pai, e aí comecei a especular se isso tinha a ver com essa relação ou sei lá

falta de fé, lembro até quando fui falar de religião com a minha psicóloga botando em questão essa relação com meu pai, daí ela mesmo falou que engraçado nós vemos até essa questão de deus como um pai né, e ela te faz acreditar naquilo, nesse momento eu já conversava com outros meninos nos bate-papo da internet, eu já sabia o que eu era. E aí aquilo ajudava a me deixar mais culpado. Tinha também aquele vazão que colocavam. Hoje não sinto mais, mas tinha muito disso. A última vez que fui por convite de uma amiga, a pregação era pura homofobia. Depois disso nunca mais eu fui."

"O que mais marcou sobre as experiências foi minha feminilidade. Eu sempre tive uma feminilidade aflorada e ao mesmo tempo reprimida. Depois passei a reprimir isso em outros lugares então eu era até o tipo de gay que 'não sou e nem curto afeminados', pois é tá chocada? (risos) cheguei a namorar um garoto que já tinha feito Drag que me apresentou inclusive o mundo drag queen e que eu até falei pra ele que se ele aparecesse pra mim montado a gente terminaria, e hoje em dia eu sou drag, veja bem! (risos) não me orgulho disso, do que falei. Mas pela consequência das experiências eu buscava homens mais masculinos e menos afeminados, hoje em dia nem tanto apesar do meu namorado ser um pouco masculino."

O temor que adquiriu aos preceitos religiosos, definidos por ele mesmo como absolutos, o acompanharam e ainda o acompanham em muitos aspectos de sua vida. Com outro pensamento atualmente, tem curiosidades que antes não eram possíveis dado a rigidez do segmento evangélico sobre a postura e o compromisso eclesial.

"Eu tenho muita vontade de frequentar outras religiões tipo Umbanda e Candomblé, mas ainda não tive coragem de ir, vejo que é muito por conta de preconceitos que ficam enraizados na nossa cabeça porque assim eu não tenho os mesmos olhos que eu tenho do Candomblé hoje do que eu tinha antes quando eu era da igreja, que todo mundo falava que era do demônio e tudo mais. Só que ainda não tive coragem de ir numa nova religião em si porque eu não sei se eu continuo muito bem acreditando em algo divino hoje em dia, eu realmente não sei no que eu

acredito até porque é toda essa repressão né nessa vida religiosa que eu tive, não me sinto conectado a essas coisas por conta disso. Apesar de tudo teve gente muito massa que me inspirou muito, que me apresentou as artes, hoje sendo artista sou muito grato."

Ao ser questionado sobre o efeito das eleições de 2018, Paulo relata as diferenças que sentira nesse período, em relação a familiares (uma vez que o entrevistado enfatizou o fato do bolsonarismo ser bem legível em seu circuito familiar) e pregações que chegou a presenciar. É nesse momento que é marcada a cisão definitiva do jovem com a igreja, momento inclusive que se muda para Juiz de Fora.

"Cortei laço com muita gente. Meu pai é bolsonarista, se já tinha problemas antes com ele imagina agora. Tem alguns tios que são bolsonaristas e eu fui só cortando os laços, exclui muita gente de rede social toda vez que eu vejo. E muitos bolsonaristas também amigos da igreja que eu tinha na época. Dourados é bem bolsonarista. Tinha até banner. O estado em si é bem bolsonarista. E olha que um dos meus tios homofóbicos já traiu minha tia com uma travesti. E tem super um discurso de macho alfa e defensor da família."

"Me lembro de uma pregação que o cara falou assim ou você vive aqui ou você vive lá, não vive em cima do muro, aí que eu comecei a entender um pouco mais sobre quem eu sou de verdade, na real aquela pregação em vez de me levar para igreja, fez eu me afastar (risos) porque eu comecei a entender real as coisas e questioná-las como um cara gay, mas viver mesmo as experiências de um cara gay só foi depois que me mudei para Juiz de Fora em 2015, aí que eu parei de fato de ir na igreja mas ainda ficava carregando muito dessas coisas ainda comigo e foi um processo que ainda me sentia culpado por esse afastamento de deus."

### 2.3 – O OLHAR ANALÍTICO SOBRE AS TRAJETÓRIAS

Nesta parte pretendo analisar e traçar pontos de contato e afastamentos entre essas experiências descritas até o momento com os conteúdos teóricos levantados. Os seis

entrevistados (Mateus, Marcos, Lucas, João, Saulo e Paulo) compartilham de muitas similaridades em suas histórias, algo que nos leva a pensar sobre alguns padrões que se repetem e os impactos que geram em tais trajetórias de vida.

A partir disso, vejamos o que podemos compreender a respeito. No artigo “Teleologias, Temporalidades e Heteronormatividade” de Carlos Eduardo Henning (2016), que se debruça sobre a lógica cristã evangélica sobre como enxergam o viver humano em suas etapas da vida, o autor segue uma linha argumentativa de que o panorama heteronormativo é estendido, pelo entendimento cristão, em termos gerais dentro das transições do curso da vida do sujeito vista como um todo. Ele define os marcos biográficos, ou seja, momentos como nascimento, crescimento, casamento, formação da família, como naturalmente e exclusivamente heterossexuais, o que o autor vai chamar de “teleologia heterossexual”. Ter filhos, prover família e assistir a esse crescimento, seriam exemplos dessa demanda estabelecida pelos preceitos religiosos e a cultura patriarcal.

Desta forma, existem concepções poderosas e socialmente calcificadas de temporalidade que estão fundadas em pressupostos heteronormativos e que embasam as visões de mundo em nossa sociedade, inclusive daqueles que, em princípio, fogem da norma heterossexual (HENNING, 2016).

Sobre o contexto brasileiro, vale salientar as ideias de Peter Fry na sua obra *O que é Homossexualidade* (2012), sobre como as identidades da homossexualidade ganharam contornos no Brasil ao longo dos anos (fazendo um recorte desde 1940 até 1980), quando pensamos nas manifestações de identificação e de conduta (em gestos, preferências nas posições sexuais, vestimenta etc.) que se firmavam no imaginário social.

O autor faz uma longa análise sobre como as dicotomias binárias entre relações homossexuais de homens tanto masculinos, femininos, “entendidos” ou assumidos, produzem e ainda produzem sujeitos e posturas definidas, a partir da ideia de macho e fêmea, homem e mulher, masculino e feminino.

A imagem do homem masculino, ainda que fosse homossexual, ou não em relação ao homem feminino, ou popularmente chamado de “bicha”, é hierarquicamente colocado como superior na cadeia social pela divisão entre posições de atividade e passividade sexual (em termos de masculinidade sobrepor a feminilidade).

Isso demonstra também um forte cunho cultural da sociedade sobre a adequação do masculino em relação a sua biologia de nascença. Seria então essa conformação hierárquica do lugar do masculino e do lugar do feminino como um sobrepondo o outro.

Em outras palavras, isso se calcifica no comportamento social e nas suas expectativas culturalmente estabelecidas (FRY, 2012).

O autor correlaciona principalmente com a atividade e a passividade sexual. O masculino no papel do macho é considerado correto, honroso. A presença do feminino o deslegitima, tornando-o sem honra, baixo, vil. Para além disso, o autor nos elucida que no contexto do Brasil, em que a luta contra preconceitos aqui era relativamente difusa e escorregadia, fora diferente do contexto dos EUA e da Europa, cuja meta era descriminalizar a homossexualidade, ou seja, tinham pautas políticas solidas em comparação ao cenário brasileiro. No país, tivemos uma grande fragmentação sobre a visão da identidade homossexual nos diferentes territórios brasileiros (FRY, 2012).

A forma como pessoas em diferentes contextos e territorialidades enxergam a homossexualidade é um fator importante a se considerar, pois para um ativista gay e para um pastor ou membro de uma igreja, as perspectivas sobre o assunto adquirem um abismo de diferença. Enquanto um tenta manter seus direitos básicos de ser, estar e viver, o outro tenta “ajuda-lo” a corrigir sua trajetória de vida por acreditar que este outro precisa da ajuda de deus.

Quando venho evidenciar as demonstrações de condicionamento de condutas sociais, busco mostrar que essas adequações seguem uma regra exclusivista de como ser no mundo. Os próprios entrevistados demonstraram a presença de suas nuances de feminilidade e masculinidade, não que precisassem se auto afirmar imediatamente dentro de uma identidade reificada de sexualidade e gênero, mas que pudessem livremente navegar na auto descoberta de si sem pressões ou obrigações biográficas. A partir de um histórico social definido por Fry (2012) sobre as relações de masculino e feminino hierarquicamente dispostas, notamos que os templos são ambientes favoráveis a esse cerceamento do indivíduo que faz parte de um todo cultural estrutural profundo.

Nos relatos, podemos enxergar a presença entre os interlocutores de denúncias sobre um processo masculinizador, que forja ao decorrer do crescimento desses homens uma forte adequação a esse molde de ser/agir masculino. Claro, esta é uma manifestação do que é ser homem em uma sociedade repleta de scripts de gênero, ou seja, culturalmente isso abarca a todos os corpos que nasceram com o órgão genital masculino.

Porém, quando essas adequações não são compatíveis com certos corpos humanos, aqueles que demonstram traços de feminilidade, mesmo tidos biologicamente como machos da espécie humana, apresentam tensões e são desafiados a emular uma bem sucedida conformidade do gênero masculino e omissão completa de feminilidades, e isso

esteve presente em todas as experiências contadas. Ainda que advindas do contexto familiar, a igreja também se torna um campo que vigia essas adequações, visto sua lógica heteronormativa, assim como defende Henning (2016).

Daí é possível compreender outro padrão presente nos relatos, o envolvimento com a arte e as tarefas da igreja, como maneiras de se escapar ou se manter a salvo em um micro espaço dessa totalidade institucional. Percebe-se o cunho mais voltado para o “feminino” das atividades que buscavam, dentre o cuidado, o teatro, a dança, o canto e etc., levando em conta o conforto pessoal que sentiam nesses espaços, até mesmo para entenderem mais sobre si. E para além, em momentos que os entrevistados avançam seu crescimento pela passagem da adolescência, os meios até então usados para se manterem fora do radar não são suficientes; quero dizer, quando chegam no ponto de precisar mostrar com quem tem interesse de se relacionar, tanto a família quanto o seu meio social.

Daí que notamos a importância em suas narrativas em relatar relacionamentos forçados com o gênero feminino, algo que acabou inclusive levando Lucas em casamento. Essa transição de temporalidade para vida adulta é algo que podemos ver em um trecho do texto de Carlos:

“A transição de temporalidade nesse sentido religioso funda uma narrativa convencional de vida, e postularia que o fim da dependência infante/juvenil ocorreria sobretudo por meio do casamento heterossexual. Após isso, se esperaria que a entrada completa no mundo das responsabilidades adultas ocorresse finalmente com a reprodução, a criação dos filhos e o sustento da família, em uma sequencialidade irrevogável que se denomina como uma temporalidade reprodutiva.” (HENNING, 2016, pg 348).

Desta maneira, modos de vida alternativos que divirjam dessas assertivas, demonstrando pouca ou nenhuma preocupação em incorporar nesses percursos biográficos os elementos de conjugalidade ou parentalidade (de modo heterossexual), estariam fadados a serem censurados, desvalorizados, patologizados e, principalmente, demonificados (HENNING, 2016).

Essa seria a razão pela qual se subentende nesses sujeitos a necessidade de auto gerencia da própria individualidade, no que tange a repressão do agir e dos próprios interesses relacionais. Seria um compromisso ético com uma doutrina que não permite a realidade do diverso se manifestar livremente.

Desta forma, a instituição familiar e religiosa tem uma grande influência nesse contexto. Sobre o artigo de Júlio Simões e Sérgio Carrara (2007) a respeito da trajetória

da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira, os autores descrevem que essa hierarquia heterossexual se manteve também com base na oposição normalidade/doença, sendo então a homossexualidade um desvio doentio ou anômalo em relação a heteronorma, e que essa dualidade entre o certo e o errado manteria o estigma de anormalidade sempre que fossem traçadas comparações ou menções entre ser heterossexual e ser homossexual (SIMÕES, CARRARA, 2007).

Essa dualidade está simetricamente estabelecida na cosmologia cristã quando é estabelecido a binaridade entre deus e o diabo, céu e inferno, bem e mal, pecado e santidade, logo “normal” e “anormal”. Nos cem anos que precederam ao nascimento do movimento gay contemporâneo, a compreensão popular da homossexualidade era inclusive caracterizada pela confusão entre sexualidade e gênero (ALTMAN, 1986).

Desta forma, a visão geral e “tradicional” era de que homossexuais assumidos eram aqueles que se comportavam como mulheres. Para além, assumir-se gay seria uma afronta ao que se foi designado a ser graças também à essa redução do patamar do homem a um nível feminino inferior dentro dessa hierarquia patriarcal de gênero.

Algo também importante que é observado pelos autores dentro da esfera do pensamento cristão evangélico, é a respeito de uma retórica temerosa em torno do “tornar-se queer”, que seria abdicar a “felicidade” e desviar-se dos marcos tidos como importantes dentro da teleologia heteronormativa. Ou seja, o setor religioso constrói, juntamente a já problemática visão sobre a diversidade sexual da sociedade, uma noção imagética negativa dessa trajetória de “vida queer” (SIMÕES, CARRARA, 2007), significando que tal trajetória tida como uma escolha, teria a impossibilidade de construção de vínculos, problemas psicológicos inatos e adquiridos, e dissociação dos moldes “corretos” e “normais”.

Sendo assim, a homossexualidade traria um ciclo trágico e inescapável de envelhecimento solitário, infeliz, decadente e mortífero. Essa ideia promove a visão de um não-futuro, de punição e castigo por romper o compromisso ético de se viver a normalidade tida como divina, natural, mas que é conseqüentemente imposta. Tal preposição é reforçada pela satanização daquilo que foge dos ensinamentos bíblicos. É como se a figura do diabo estivesse a todo momento usando dos desejos “carnais” e “impuros” para abrir brechas na “santidade” do sujeito. E quem sucumbe a elas, está destinado a coletar as conseqüências negativas e punitivas (NATIVIDADE, 2006).

Portanto, o temor constante a esse destino corrobora para a omissão de si e a busca religiosa de purificação e salvação da alma. Isso é nítido quando Marcos e Lucas nos

contam em suas experiências sobre orar para tais sentimentos desaparecerem. Um ponto que é necessário destacar se dá pelo momento de “acolhimento” que João vivenciou pela igreja logo após o grave evento do suicídio.

O trabalho sobre homofobia pastoral e regulação da sexualidade dos autores Marcelo Natividade e Leandro de Oliveira (2009), falam precisamente desses processos. Os autores tratam das passagens de pessoas LGBTQIA+ por igrejas cristãs conservadoras. Neste trabalho, os autores usam “conservador” como uma forma de indicar os defensores da “família” e dos valores cristãos. Segundo eles:

“Convém ressaltar o sentido em que empregamos a categoria "conservador", no âmbito do trabalho. As iniciativas que são assim classificadas se apresentam como defensores da família e dos valores cristãos, rechaçando mudanças socioculturais que supostamente promoveriam sua erosão. Em muitos casos, trata-se de redes interdenominacionais evangélicas em que diferenças doutrinárias são postas de lado, que atraem inclusive a participação de alguns católicos conservadores. Um consenso relativo é suscitado por uma percepção dos 'perigos' encarnados na "ameaça homossexual””. (NATIVIDADE, OLIVEIRA, 2009. Pg 206).

Esse termo, então, circunscreve um posicionamento assumido por discursos religiosos que batem de frente com o progresso social e as discussões de diversidade e direitos humanos. Como já foi destacado, os autores demonstram que essas vertentes tendem a diluir a pluralidade das existências, seja pelas práticas, desejos, experiências e construções identitárias, reduzindo todas pelo rotulo de pecado do “homossexualismo” (NATIVIDADE, OLIVEIRA, 2009).

Incluem até mesmo atribuições de problemas familiares, pedofilia e abusos como associados as consequências de se viver em pecado. É a partir daqui que conectamos a experiência de João. Em sua época jovem, ele é levado pelos amigos, e chega em um lugar onde toda sua experiência será adequada a esses mesmos estigmas, o condicionando a pensar que a igreja é o ambiente que ele mais precise para se desvencilhar desse “mal” que o assola. Enquanto sujeito que aos poucos descobre mais detalhes sobre sua orientação sexual, o mesmo se depara com essas afirmações pastorais e bíblicas a respeito de uma experiência traumática e as mistura no mesmo segmento.

Ele passa a ter uma visão de luta contra si mesmo, ao invés de perceber que foi uma vítima e não o culpado. Ainda seguindo pelas ideias de Natividade e Oliveira, os autores afirmam que LGBT+ são recebidos em grupos religiosos visando a sua sujeição a um projeto de regeneração moral. O indivíduo é submetido a rituais de purificação (no

caso de João ao batismo), em que na última instância incide um reforço a estigmas sobre a diversidade e sobre ser gay.

São tratados posteriormente como exemplos de mudança e legitimidade de ação divina sobre seus pecados. João não era colocado em posições de liderança e aconselhamento à toa. Ele precisava ser uma referência. Separei um trecho que João discorre sobre esse momento de sua experiência na igreja, que cabe cita-lo aqui:

“A instância eclesiástica também é um modo de subjetivação, eu não tenho como negar isso. Ela produz sujeitos né, produz sentido e pra vida. Todos os sentidos. Como qualquer outra institucionalidade que disciplina as pessoas. Tem coisa que me fez bem e tem coisas que me destruíram. Tanto que nesse processo de culpabilização em mim, que já era da cultura geral, anterior a igreja mesmo porque eu tentei suicídio antes mesmo de entrar na igreja, só é depois reforçada nessa desculpa de “novo homem”, de convertido, aquele que foi perdoado, que deixou a velha vida pra traz, que é um novo sujeito. E você acredita nisso viu? (risos) vai levando essa vida com uma nova ‘capa’. É aquilo, não tem saída, onde quer que a gente vá vai ter uma repressão, isso eu aprendi com a vida. [...] A igreja entende seus gatilhos, ela sabe onde acessar, esse negócio é milenar. Ela te empodera. Eu de repente virei diretor de teatro em meio minhas lideranças lá, várias funções. Eles sabem que a gente é viado, eles dão palco, só não quebrar o pacto.”

Natividade e Oliveira citam algo central para se entender essa cruzada moral, ou seja, uma mobilização para se proteger a naturalidade e universalidade do que foi criado por deus e o compromisso com a agenda religiosa de converter o máximo de pessoas possível, algo muito recorrente em movimentos missionários. Para os autores, seria o proselitismo do evangelho movido por um ethos pentecostal (aqui o termo pentecostal se referindo a coligação evangélica específica que eles analisaram). Esse ethos seria a autonomia individual construída na submissão a deus. Ser livre sob tal perspectiva não é seguir os desejos pessoais, mas submeter-se a vontade divina. É nesta relação complexa entre determinação e autonomia que se constrói o sentido de liberdade para não só os pentecostais, mas aos setores evangélicos de modo geral (NATIVIDADE, OLIVEIRA, 2009).

Isso nos permite refletir sobre casos como o de João e até mesmo dos demais entrevistados, quando colocamos em questão as funções que desempenhavam; uma estratégia de recrutamento para um dispositivo atuante nas redes religiosas voltado para a captura e supressão de diferenças na esfera da diversidade sexual e identitária. Com as designações de tarefas na igreja e a dissociação da homossexualidade como algo não permanente da identidade individual dos sujeitos, procuram conciliar os princípios positivos como de amor ao próximo com o repúdio completo a diferença, conseqüentemente suprimida com antagonismos de uma sexualidade ou destino indesejáveis.

Acolher não significa reconhecer. Existe uma experiência paradoxal de liberdade nesses contextos, algo também citado por Natividade e Oliveira. Após o indivíduo ser agraciado ao pertencimento nesse ambiente zeloso e moralmente edificado, ele é confrontado com uma experiência de guerra espiritual interna, em que ele tem uma “escolha” de fazer o que é certo ou desistir ao “erro”. Essa atitude é percebida como exercício de uma escolha ativa. A submissão ao modelo religioso de regulação da sexualidade é apresentada deste modo como forma de exercício do livre arbítrio. Tal cerceamento é uma das engrenagens que podem ser acionadas nas dinâmicas da homofobia pastoral.

Em suma, as experiências nos revelam questões muito profundas, seja em comum ou específicas, que valem um futuro maior aprofundamento. Imaginar a imposição pessoal de um relacionamento forçado com o gênero feminino, que conseqüentemente os fizeram omitir as experiências centrais da adolescência com a própria sexualidade, os adestramentos masculinistas a que foram impostos, uma vez que precisavam engrossar a voz, andar de forma rígida, se afastar de “más” influências, abdicar de seus interesses gerais e etc. Todas essas configurações eram silenciosas e maquiadas de intenção acolhedora, que na realidade, foram condicionando a formação psíquica desses sujeitos por longos anos desde sua infância até sua vida adulta.

#### 2.4 – CONTRASTES NO TEMPO – PARTICULARIDADES TEMPORAIS

Além da análise sobre a trajetória desses indivíduos, procuro fazer um recorte temporal dos entrevistados nesta última etapa do capítulo. Isso pode responder se as vivências tiveram alguma diferença dada a época em questão compartilhada, já que os

relatos sobre a infância, adolescência e início da vida adulta dos homens mais velhos são de décadas atrás, em um contexto diferente do atual, principalmente no cenário evangélico que se pretende observar.

No texto de Júlio Simões, “Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades sexuais”, o autor cita, de acordo com Vivien Cass (1979, 1984), como se estrutura a auto percepção da própria homossexualidade em fases notórias da vida dos indivíduos, tais como a passagem da infância para a adolescência e assim sucessivamente. É interessante demonstrar esse processo em vista das experiências destacadas envolverem justamente esse estágio de auto descobrimento em concomitância ao cenário religioso evangélico.

Conforme o texto, a narrativa sobre a trajetória de homens gays tende a se desdobrar em seis fases distintas. No primeiro estágio, ocorre uma tensão entre o compromisso pessoal e a confusão de identidade, onde se percebe que os próprios pensamentos e ações estão em desacordo com as normas mais amplas da sociedade. O segundo estágio envolve a interiorização da compreensão de que ser gay implica pertencer a uma minoria discriminada e marginalizada. Diante disso, diferentes opções se apresentam: perseverar-se na identidade homossexual, reconhecendo seus custos; reivindicar uma adaptação bissexual ou heterossexual; ou manter uma identidade negativa, que pode levar ao suicídio (SIMÕES, 2004).

No terceiro estágio, ocorre a generalização ou tolerância da identidade, onde surgem diversas alternativas para conciliar as necessidades pessoais com as demandas sociais. No quarto estágio, observa-se a evolução da tolerância para a avaliação e aceitação da identidade. O quinto estágio é caracterizado pelo orgulho da identidade, decorrente de interações crescentes com outros indivíduos identificados como homossexuais, e da adoção de uma perspectiva que valoriza a homossexualidade, estabelecendo uma dicotomia entre "nós" e os heterossexuais, considerados o "outro" desqualificado. Finalmente, o sexto estágio representa a síntese da identidade, em que os sentimentos de raiva e frustração são substituídos por uma forma mais elevada de aceitação pessoal e pública da identidade gay ou lésbica. Esse estágio é marcado pela integração, autoestima e a capacidade de valorizar mesmo aqueles que são diferentes. (SIMÕES, 2004).

Tais colocações se conectam aos relatos quando pensamos os dilemas enfrentados dado o contexto inserido. Ainda que de maneira geral, aqui compreende-se dentro do que

foi visto sobre as implicações culturais calcificadas, destacada a ênfase no trajeto evangélico cristão, isso inclusive em comum as temporalidades diferentes. O que o autor chama de normas mais amplas, aqui demonstro a parte que cabe a inteligibilidade religiosa dogmática. Esse seria o esqueleto para definir os pontos chave das trajetórias em relação a própria homossexualidade.

Também é importante situar o contexto social dos anos 80 e 90, que fazia parte da adolescência dos entrevistados mais velhos. O contexto em relação a visão da própria sexualidade.

A chegada da epidemia de HIV-aids coincidiu com um período em que a homossexualidade ganhava grande visibilidade, principalmente devido ao boom do comercio voltado ao público, mas também em virtude das atividades de grupos engajados em uma militância política de defesa dos direitos civis dos homossexuais. A primeira experiência da aids pela geração mais velha foi marcada pelo recrudescimento do preconceito baseado na "contiguidade imaginária entre orientação sexual e doença". Pela angustia coletiva que aumentava à medida que mais pessoas adoeciam e morriam (SIMÕES, 2018).

Não obstante pensar que o período trouxe densos estigmas sociais sobre a homossexualidade, e no meio eclesiástico isso não foi diferente. É visto que a igreja trouxe isso para interpretações sobre as consequências diretas para aqueles que desobedecessem aos preceitos divinos, sendo punidos com doença e tragédia. Que isso era uma confirmação da ira de deus sobre o pecado deliberado. Portanto, assim como afirma Fry (2012), a homossexualidade permanece sendo tratada na prática como uma indigesta mistura de pecado, sem-vergonhice e doença. Logo, é de se esperar que muitos vão preferir não ter que se submeter a essas categorias sociais que tendem a empurrá-los para “guetos” estanques (FRY, 2012).

Mas, diferente dos tempos atuais, a religião evangélica na época não possuía a tamanha influência midiática e política que tem hoje, porém isso não quer dizer que ela não detinha de imensa força moral reguladora, principalmente nos nichos que se instaurava. Esse momento da entrevista com Marcos põe em evidência essa questão:

“Na minha época os evangélicos ainda eram minoria, mas você dizer que era evangélico tinha um peso moral, um respeito, em relação ao comportamento ético. É tipo assim: ih ala fulano é evangélico, deve pagar

as contas direitinho, deve ser gente honesta, não deve ser cachaceiro (risos) deve ser de família e tal. O que eu vejo que mudou é que hoje tem muita gente evangélica ou que se diz né, mas a qualidade delas decaiu muito. Sempre tem aí escândalo com pastor, um roubando, outro estuprando, um monte sendo corrupto, toda hora pipoca esses escândalos. Quando viram que a igreja evangélica podia ser um filão pra ganhar dinheiro, a gente vê esses pastores milionários, não tinha isso na minha época de criança, esses Malafaias da vida, bispo Macedo, não via. Esses caras são visivelmente picaretas (risos). Tão ali por poder e grana. Com a internet ajudou mais a espalhar aquele discurso de salvação inquestionável e hoje em dia associado a arma e tortura, as pessoas tão cegas. [...] Quando é pra perseguir viado escolhe o versículo mais literal possível.”

Percebe-se a opinião de Marcos sobre os rumos que o mundo evangélico tomou nos últimos 30 anos, ou seja, o forte senso crítico a partir de suas observações em longos anos, principalmente em notícias de jornal, internet e afins. Aqui é visível que sua postura se conecte aos fatores que o fizeram se afastar das instituições religiosas, pois veja, ao que ele conta sobre romper com tudo com a igreja aos 25 – 26 anos, passa desde então a manter crescente postura crítica sobre o mundo evangélico ao longo das décadas seguintes até os dias atuais.

Esse trecho é também importante pois mensura a parte de menor influência que o setor evangélico desempenhava há anos atrás, ainda que o Brasil sempre estivesse sobre enorme influência cristã, na época mais voltado para o catolicismo. Trazendo alguns balanços de dados, desde 2010 o pentecostalismo representava a fé de 13,3% da população. E vem crescendo na medida que o catolicismo reduz seus altos números de fiéis, sendo atualmente responsável por 64,6% dos brasileiros, o que já foi praticamente 92% até 1970. Ou seja, houve um acentuado declínio da influência católica e um aumento considerável da influência evangélica. A “bancada evangélica” desde 1982 vem crescendo fortemente, quando ainda possuía 13 membros do parlamento, enquanto no ano de 2015 atingiu o número de 73 deputados e seguiu crescendo (RODRIGUES-SILVEIRA, CERVI, 2019).

É interessante inclusive refletir sobre o modo como as entrevistas se deram quando o intuito era resgatar histórias de vida. Obviamente os mais velhos tinham um compilado muito maior de conteúdo para compartilhar do que os mais jovens, no que diz respeito a

observações posteriores sobre a trajetória na igreja. Marcos, por exemplo, conta sobre a relação familiar com seu irmão caçula ao mesmo tempo que João divide suas reflexões a partir de suas experiências traumáticas. Myriam de Barros (2016) traz um trecho interessante sobre essa forma de pessoas mais velhas relatarem suas histórias:

“Quem transmite suas lembranças é, na verdade, um mediador entre gerações. É alguém que se percebe como conhecedor das transformações porque as viveu e seus depoimentos são uma apreensão das mudanças sociais, como as que estão aparentes nas marcas da cidade, nas relações de trabalho, na família e nas relações de gênero. Resgata-se, desta forma, a ideia da memória como sendo uma sugestão para a continuação da história que está sendo narrada. Enfatiza, também, a comunhão de sentidos e de linguagem entre o narrador e o ouvinte, inseridos nos diferentes contextos da sociedade complexa.” (BARROS, 2006 pg. 113).

Os rapazes mais jovens tiveram uma cisão com a igreja ainda muito recentemente, então enxergar essas nuances com o “novo” e o “velho” e apresenta-las na nossa conjuntura atual faz parte de desvelar décadas de vivência na homossexualidade pós-cisão eclesiástica. Uma cruzada temporal pode ser pensada sobre a atribuição de doença a homossexualidade nos 80, 90 e conseqüentemente o medo e aversão a evidências expressivas de homossexualidade, reforçado nos meios religiosos, com a instauração do pânico moral influenciado pelas campanhas eleitorais recentes no uso de *fake news* a partir de afirmações absurdas movimentadas por setores feministas e LGBTQIA+ (SILVA, 2021).

Ao capturar a percepção atual dos mais novos e traçar essas comparações com a outra época vivida pelos mais velhos, alguns questionamentos são postulados, por exemplo: as histórias se repetem nesse intervalo de anos? Os casos até então se distanciam mais do que se aproximam? É possível perceber alguma diferença no que diz respeito a essa colisão de pontos de vista entre a igreja e o espaço cívico social ao longo dessas décadas? O que eu pude perceber a partir dos relatos é que primeiramente sim, as histórias se repetem, mesmo em contextos diferentes.

Os interlocutores vivenciaram a igreja de forma muito parecida e participativa, ao mesmo tempo que procuravam estar distantes dos olhares julgadores, camuflando a si mesmos e se protegendo nos micros espaços que se inseriam. Mas essa participação se

deu não de forma obrigatória, apesar de todos eles terem contato com o mundo cristão desde o nascimento. Existe o momento que a escolha de estar onde se está é estabelecida, mas aqui por motivações pessoais. Todos demonstraram que sua passagem na igreja não se tratava de sofrimentos, isso foi entendido depois, ainda mais pelos mais velhos. No templo eles conquistaram amigos, se expressaram na dança e no teatro, lideraram outros jovens e até mesmo se apaixonaram.

Outro ponto interessante é o momento de “interrupção” (BISPO, 2021). As idades em questão se aproximam desse intervalo de 20 até 27 anos, momentos em que os interlocutores avançam em outras etapas da vida. Mateus se insere no curso de Letras, enquanto Lucas segue pela Arquitetura e Urbanismo, cursos conhecidos por sua maleabilidade social. Enquanto isso, Marcos e João, no passado, também começam suas carreiras acadêmicas, um na medicina e outro no Serviço Social respectivamente. Houve conseqüentemente uma ampliação de sociabilidades além desse circuito social fechado entre a família, a igreja e a mocidade. Logo essa inserção é algo em comum entre os seis. O acesso a novos pontos de vista e outros horizontes fez com que questionassem esse lugar de “erro” que tinham na igreja, e tudo passou a não fazer mais sentido a partir de então.

Segundo Novaes, apesar de haver um reforço nos laços comunitários durante esse período, é notável que esses vínculos se desintegram facilmente quando os jovens se aproximam dos 18 anos. Esse fenômeno é principalmente atribuído à transição da escola para a universidade e o ingresso no mercado de trabalho. Nesse momento, o círculo de amizades e influências se expande, ultrapassando os limites do grupo religioso e familiar. Esse processo reflete uma dinâmica mutável que evidencia a instabilidade inerente às experiências juvenis em nosso contexto contemporâneo, onde o leque de trajetórias religiosas possíveis é ampliado. Aqui no caso, a cisão reflete um efeito de distanciamento com a procura religiosa.

E ainda pensar nessa perda das primeiras experiências homoafetivas e homoeróticas que foram obrigados a reprimir e esconder o interesse por tempo considerável, algo que mais tarde não é mais possível de controlar. Portanto, esses contextos mais intelectualizados foram fundamentais para reavaliar as próprias posturas consigo e com o mundo ao redor desses interlocutores. Até aqui é seguro dizer que sim, os casos se aproximam.

Enquanto alguns deles foram levados ao evangelho por membros da escola básica, considerando que eram jovens sob tutela total dos pais, logo uma influência presente nessa evangelização escolar, na universidade se depararam com jovens adultos com maior autonomia pessoal. Em comparação, quando Marcos diz que a igreja evangélica era diferente em tamanho e influência, e ao que Mateus detalha sobre não se haver discussões ou perseguição evidente a LGBT+ nas igrejas que frequentou ao longo das últimas décadas, podemos entender que o ambiente religioso mantinha sua aversão a diversidade (ou ao “pecado” a ela atribuído) ao mesmo tempo velada e subentendida.

Os entrevistados relatam que os casos de LGBTfobia que chegaram a presenciar tiveram a característica da não-camuflagem, eram aqueles identificados a distância, instantaneamente lidos como desviantes, logo se transformavam em um problema; desta forma, a intervenção a esses sujeitos era feita no silêncio, nos bastidores, mas de forma implacável. O que representa o momento de maior evidência de aversão da diversidade demonizada por parte da igreja evangélica nos dias atuais, se dá a partir das eleições de 2018, momento em que a mesma já atinge maior número de fiéis e logo maior influência. Algo que foi marcante na interrupção dos entrevistados mais novos foi essa conjuntura político-religiosa que não mais tornava aquele ambiente em um espaço confortável e acolhedor e sim um núcleo de guerra ideológica.

Paralelamente, nos contextos de infância dos mais velhos, nota-se os acontecimentos da ditadura militar e do movimento de reação contra o regime. Pode-se dizer que as épocas tiveram outro cruzamento temporal no que diz respeito ao contexto repressivo, ainda que com suas próprias características. No passado, via-se embates cívicos com armamentos, torturas e morte de amigos para o HIV-aids. Na época atual se vê traços de retornos a esses tempos, porém a incidência de disputa se dá mais por discursos, comentários nas redes e boicotes, mesmo após tantos anos de luta e conquista. Enquanto a instituição não “caçava suas bruxas”, o espaço era mais seguro para LGBT+ interessados em frequentá-las, isso acredito ao longo desses últimos 20 anos.

Claro, tomando como parâmetro os dados coletados até então. Destaco inclusive uma fala de João a respeito:

“Eu sou de periferia, aqui é lotado de igrejas, aqui e hoje em dia tem dois domínios: a milícia e o mundo gospel, cabe todo mundo. A coisa se ampliou muito. Bolsonaro se articula no meio disso, quando não é um é outro, mas tá sempre bebendo da fonte. Eu estudo inclusive sobre o

narcotráfico pentecostal, você tem uma expulsão dos terreiros de candomblé e de umbanda das periferias entendeu? Destrói, e é em nome de Jesus. Então essa coisa bélica, esse nome de Jesus é igual idade média, tudo em nome de Deus. No meu tempo a coisa era mais desprovida desse poder, não tinha política, esse espaço no mundo evangélico.”

Portanto, acredito que os problemas sociais que tenho focado em destacar sobre essa colisão do fundamentalismo religioso versus a realidade diversa da esfera social sempre estiveram presentes. A diferença é que devido ao crescente aumento do conjunto evangélico em números de fiéis e de lideranças, até sua constante introjeção política e no todo social, no que mais tarde culminaria na projeção de Bolsonaro como um representante que escancara os limites e fronteiras do respeito mútuo, esses mesmos problemas vieram à tona de forma torrencial, e até mesmo usados como articulação política através do pânico moral (SILVA, 2021).

Mas além disso, percebe-se que a LGBTfobia e o adestramento de masculinidade é algo que vai além da instituição. Na família de Lucas e Saulo é evidente que isso existe para além desse recorte de experiências. Portanto, é notável que mesmo dentro de intervalos temporais entre as vivências, muitas similaridades foram detectadas, estas que apenas se transformaram ao longo das décadas entre 1980 até os dias atuais, nutridas por cenários conservadores onde o fundamentalismo desenha regras tidas como universais, na cultura vigente.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Para fechar até aqui sobre o que foi exposto neste trabalho, resgato objetivos propostos inicialmente e observações ao longo dos processos analisados. A primeira saber se essas vivências da experiência religiosa enquanto gays, entre gerações, continua acontecendo, mesmo com uma diferença média de 30 anos entre os entrevistados. Diria que sim, foi verificado que as experiências se assemelham muito, principalmente quando se destaca a atuação dos entrevistados nos cenários congregacionais religiosos. Todos eles tiveram momentos de lideranças, atuação em grupos de atividades artísticas como dança, teatro e canto.

O que chamo atenção é que isso não aparece em todos os casos à toa. Como já explicitado, a igreja tem seus mecanismos de manter suas ovelhas em seu rebanho, e com esses casos não foi diferente. Era preferível essa congregação mantê-los próximos do que “perdidos”, algo que se conecta com Natividade e Oliveira (2009) sobre acolhimento de pessoas LGBTQ+. Se ganhou novos contornos, penso que não estruturalmente, mas objetivamente, a partir por exemplo das dinâmicas de interações e cerceamentos simbólicos da instituição sobre a vida privada dos seus fiéis.

Aqui em particular falando da homossexualidade como parâmetro de julgamento. Como Mateus conta, até mesmo a rede social é vigiada, sendo essa uma característica dos anos atuais. Já em relação por exemplo a obrigação teleológica de estar vinculado ao gênero feminino, é algo que não mudou, e segue sendo cada vez mais instrumentalizado, com venda de livros sobre sexualidade sadia e dicas para casais em crise, assim como destacou Saulo.

Hoje a igreja também conta com recursos tecnológicos, diferente das congregações antigas como exemplifica João através de hinários e não de baterias, teclados ou instrumentos mais elaborados. Portanto até a forma de comunicação e acesso se tornou mais eficiente, e até menos sacralizada em algumas congregações. Uma procura talvez de adaptação nessa eterna guerra do “santo” contra o “pecaminoso”. Chamo atenção também para o contexto socioeconômico humilde dos informantes, onde a incidência de igrejas evangélicas é maior e constante no cenário brasileiro (MAJEWSKI, 2010).

Isso é importante quando pensamos quantas experiências de passagem, trânsitos de fé, dilemas, sofreres silenciosos e interrupções com a religião foram de certa forma comuns tanto a partir desse passado quanto todo seu decorrer ao atual presente nesses contextos, vivenciado não só por homens gays, mas pela população LGBTQIA+ em geral. Por isso, saliento a importância de maior investigação dessa temática. No que diz respeito ao conceito que procuro desenvolver sobre cicatrizes, baseado nos relatos e nos conceitos teóricos apresentados, reitero o profundo processo de adequação social que os entrevistados foram submetidos. Isso inicialmente já delinea o quanto tais processos não facilmente se desprenderam do psíquico desses sujeitos.

Elas na verdade tomaram outras formas afim de superar as dores e os sofreres. Foram dificuldades, metaforicamente apresentadas como “feridas”, que não só cicatrizaram para alguns como também ainda estão cicatrizando, principalmente quando falamos dos mais jovens. João evidencia muito bem quando diz que a experiência

religiosa o destruiu, mas também o fortaleceu, enquanto Lucas, ainda que bem humorado, explicita que tais assuntos ainda são casos que são levados às sessões de terapia psicológica.

A pergunta que se pode fazer é, quanto tempo levou para João se fortalecer, e quanto tempo levará para Lucas? Essas “feridas” estão por exemplo na dificuldade de se expressarem de forma livre e espontânea sobre si mesmos, nas dificuldades em posteriores relacionamentos, preconceitos inculcados em suas subjetividades ao longo da vida, insegurança na vida social como um todo, o silêncio e a solidão que precisaram enfrentar na fase da adolescência e etc.

O adestramento masculino os fez permanecerem em um espectro identitário que impossibilitava os mesmos a uma maior liberdade social e a estarem confortáveis com a hibridiz dos traços masculinos e femininos presentes na complexidade de suas identidades, que ultrapassavam essa fronteira fechada de ser/agir designando um único gênero, ou destino teleológico, vinculado a sua biologia e aos fundamentos bíblicos.

Destaco esse trecho:

“A homofobia religiosa não se manifesta somente ao nível de percepções e juízos morais pessoais ou coletivos, mas envolve formas de atuação em oposição à visibilidade e reconhecimento de minorias sexuais. É conveniente estabelecer uma distinção analítica, entre um uso de discursos religiosos na esfera pública que é voltado mais diretamente à obstrução de direitos LGBTQIA+, e formas de homofobia religiosa que se dão na esfera do cuidado pastoral, na interação entre lideranças e fiéis ou no controle mútuo que os fiéis estabelecem entre. Esta homofobia pastoral se revela nos relatos de gays lésbicas e travestis com passagem por religiões cristãs assim como em alguns documentos produzidos como guias e exemplos normativos para a conduta dos fiéis e as atividades pastorais, podendo se manifestar explicitamente ou de formas mais sutis. O que confere uma relativa unidade a esta ampla malha de regulações é que tais discursos procuram extrair sua autoridade de fundamentos cosmológicos e interpretações do texto bíblico.” (NATIVIDADE, OLIVEIRA, 2009 Pg. 208).

Essa adequação e vigilância da sexualidade alheia está estruturada dentro da cultura brasileira, aqui buscando as reflexões de Peter Fry (2012), e se expressam cotidianamente nessa checagem e confirmação constantes do indivíduo. Quando uma pessoa é vista e demonstra atitudes consideradas “desviantes”, chamam atenção por onde

caminham, gesticulam, falam e etc., seja por características muito marcantes ou mais sutis. A própria marchinha de carnaval, “olha a cabeleira do Zezé, será que ele é, será que ele é?”, nos revela essa necessidade de perceber aquilo que não vai de acordo com os moldes normativos comumente apreendidos, e inclusive, o primeiro lugar onde isso acontece é dentro de casa.

No interior dos templos isso não é diferente. Nos ambientes mais tradicionais e sacralizados, isso não é nem idealmente permitido, e sim combatido. Os entrevistados relataram processos em que oravam para que deus “tirasse aquilo”. Quase como uma indigestão a ser curada, que em um piscar de olhos os desejos e sentimentos fossem embora. A demonização dá um formato ao que consideram ser o “problema”, e logo o “inimigo” para enfrentamento.

Os entrevistados mais velhos descrevem ainda vários momentos em que presenciaram conhecidos LGBTQ+ sendo expulsos das congregações e até mesmo do próprio lar. Suas escolhas românticas e eróticas também foram afetadas, momento em que João confessa apenas se interessar por homens masculinizados, o que dá continuidades a preconceitos e estigmas já conhecidos sobre homens femininos no cotidiano. Já Marcos, passa por uma cisão com o irmão caçula, que nem ao menos o prestigia em uma ocasião marcante de sua vida que é o seu casamento. Para o irmão isso representa uma heresia ainda maior, que mancha a reputação e sacralidade moral da igreja. Marcos admite que por onde passa, não evidencia ou demonstra o fato de ser gay, entendendo que não existe necessidade disso (aqui sob uma postura de bem resolvido) o que se entende por adequação e costume dessas normas de ser o “homem ideal”, suas particularidades foram reprimidas, mas hoje se convertem no modo como sua identidade se cristaliza.

Nesta fala evidencia um pouco mais dessas cicatrizes em sua trajetória:

“São coisas muito profundas, que marcaram minha infância, minha adolescência, de não poder ser quem eu era de verdade, de ter que ficar performando um discreto pra não chamar atenção, tem que falar grosso, não pode cruzar a perna, não pode dançar assim ou assado, andar durinho e tal, então assim acho que isso me atrapalhou muito, mas hoje em dia eu já tenho 60 anos né? Não tenho mais nada que me prenda. Demorou, mas minha família já sabe que sou casado com um homem, não escondo isso de ninguém, nem dos vizinhos, nem no trabalho, só não ando com uma

plaquinha de neon piscando escrito: sou gay. Se uma pessoa heterossexual que não se apresenta falando: ei sou hetero, porque eu tenho que fazer isso? Não to cometendo nenhum crime pra ter que assumir nada, eu sou quem eu sou, na medida que me conhecem vão perceber. Mas até chegar nesse nível foi difícil.”

Creio que o potencial crítico dos meus interlocutores mais velhos foi bastante influenciado por essa onda de ativismo dos movimentos homossexuais ao qual estiveram presente em sua juventude, cujo impacto se percebe ao olharmos para como são bem resolvidos em comparação a tantos outros de sua idade que permanecem nas sombras escondidos. A ideia do tabu da homossexualidade ainda era muito forte nos anos 80-90, como relata Marcos, e conseqüentemente muitos homens demoraram ainda mais para se assumirem ou permitir-se uma maior liberdade social.

É comum atualmente ver casos de homossexuais que vieram a se assumir depois de muitos anos reclusos em casamentos arranjados. Vale mencionar que o impacto das ideias de Foucault se tornara mais evidente e intenso a partir da segunda metade dos anos 1970. A vontade de saber são lidas, traduzidas e passam a frequentar o debate universitário, coincidindo com a intensificação dos movimentos de oposição à ditadura militar e com a politização crescente das questões ligadas a raça, gênero e sexualidade.

O poder não é mais enxergado somente no Estado, mas na rua, no escritório, no hospital, na igreja, dentro de casa e na cama. Essas ideias tiveram impacto exponencial até os dias de hoje.

#### **4. BIBLIOGRAFIA**

AGUIAR, Taylor de. “Mais ‘Reino’, menos ‘religiosidade’: um novo paradigma para as juventudes evangélicas no espaço público?”. *Estudos de Sociologia*, v. 26, n. 51, p. 687-704.

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de & TRACY, Kátia Maria de Almeida. 2003. *Noites Nômades: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas*.

ALTMAN, Dennis. *AIDS in the Mind of America*. Anchor Press/Doubleday, 1986.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Trajetória dos estudos de velhice no Brasil. 2006.  
DEBERT, Guita Grim. Envelhecimento e representações sobre a velhice. Anais, n. VI, p. 537-556, 2016.

BISPO, Raphael. “Deus dá uma segunda chance”: sofrer e refazer mundos em testemunhos religiosos. Horizontes Antropológicos, v. 25, n. 54, p. 111-139, 2019.

BISPO, Raphael. “Deus dá uma segunda chance”: sofrer e refazer mundos em testemunhos religiosos. Horizontes Antropológicos, v. 25, p. 111-139, 2019.

BISPO, Raphael. A ÉTICA COTIDIANA DAS INTERRUPÇÕES EM TRAJETÓRIAS RELIGIOSAS PENTECOSTAIS. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 36, 2021.

BUTLER, Judith. “Sujeitos do sexo/gênero/desejo”; “Inscrições corporais, subversões performativas” e “Conclusão: da paródia à política”. In: Problemas de gênero: feminismo subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BUTLER, Judith. “Sujeitos do sexo/gênero/desejo”; “Inscrições corporais, subversões performativas” e “Conclusão: da paródia à política”. In: Problemas de gênero: feminismo subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. 38

CARRARA, Sérgio; SIMÕES, Júlio Assis. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. cadernos pagu, p. 65-99, 2007.

CFP. Resolução CFP n. 1/99. Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da orientação sexual. Brasília, 23 de março de 1999.

COHN, Clarice. 2013. “Concepções de infância e infâncias: um estado da arte da antropologia da criança no Brasil”. Civitas, v.13, n.2, p. 221-244.

CORREIA, Mariama, “Para curar a homossexualidade, jovem teria sido submetida a isolamento, exorcismos e terapia em seminário evangélico” MSN Notícias, 17 dez. 2020. Disponível em Acessado em: 26 jan. 2021.

DA SILVA, Laionel Vieira; BARBOSA, Bruno Rafael Silva Nogueira. Sobrevivência no armário: dores do silêncio LGBT em uma sociedade de religiosidade heteronormativa. Estudos de religião, v. 30, n. 3, p. 129-154, 2016

DE ALMEIDA, Fabio Py Murta; DE FREITAS REIS, Marcos Vinícios. Católicos e evangélicos na política brasileira. *Estudos de religião*, v. 29, n. 2.

DE ANDRADE ALMEIDA, Maria Aparecida; FUNARI, Pedro Paulo A. Milagre ou magia na Cura do Cego de Nascimento (Jo 9, 6-7): uma epistemologia. *Romanitas-Revista de Estudos Grecolatinos*, n. 9, p. 51-64, 2017.

DEBERT, Guita Grin. Velhice, gênero e sexualidade: revisando debates e apresentando tendências contemporâneas. 2015. NOVAES, Regina. Juventude, religião e espaço público: exemplos "bons para pensar" tempos e sinais. *Religião & Sociedade*, v. 32, p. 184-208, 2012.

DO NASCIMENTO CUNHA, Magali. A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil. Mauad Editora Ltda, 2007.

DULLO, Eduardo. Testemunho: cristão e secular. *Religião & Sociedade*, v. 36, n. 2, p. 85-106, 2016.

DULLO, Eduardo; DUARTE, Luiz Fernando Dias. Dossiê "testemunho". *Religião & sociedade*. Rio de Janeiro. Vol. 36, n. 2 (jul./dez. 2016), p. [12] -18, 2016.

FARRIS, James Reaves. Ação pastoral e mágica: Evangelho e a cultura a luz do secretismo. SATHLER-ROSA, Ronaldo. *Cultura e Cristianismo*. São Paulo: Loyola, p. 141-154, 1999.

FONTANA, Luciara; GOMES, Marília do Amparo Alves; DA SILVA, Simone Santos. (In) visibilidade da comunidade LGBTQIA+ na assistência social: proteção social a quem necessitar? *Odeere*, v. 5, n. 10, p. 304-319, 2020.

FOUCAULT, Michel. *A História da Sexualidade I: A vontade do saber*. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999. 151 p. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque & J.A. Guilhaon Albuquerque.

FOUCAULT, Michel. *A História da Sexualidade II: O uso dos prazeres*. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998. 252 p. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque & J.A. Guilhaon Albuquerque.

FRESTON, Paul. *Evangélicos na política brasileira*. 1992.

FRY, Peter. Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira. In: Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira. 1982. FRY, Peter, MacRae, Edward. O que é homossexualidade. 2012

HELMINIAK, Daniel A. O que a Bíblia realmente diz sobre homossexualidade. Edições GLS, 1998.

HENNING, Carlos Eduardo. “Na minha época não tinha escapatória”: teleologias, temporalidades e heteronormatividade. Cadernos pagu, p. 341-371, 2016. HENNING, Carlos Eduardo;

HINTON, Michael. A Bíblia em 100 minutos. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O feiticeiro e sua magia. Antropologia estrutural, v. 5, p. 193-214, 1975.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Corpo e Moralidade Sexual em Grupos Religiosos. Estudos Feministas, p. 7-27, 1995.

MAJEWSKI, Rodrigo Gonçalves et al. Assembleia de Deus e teologia pública: o discurso pentecostal no espaço público. 2010.

MENDES, Ana Karla Nunes; MONTEIRO, Alice Brandão. A DESPATOLOGIZAÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE. Encontros de Iniciação Científica UNI7, v. 8, n. 1, 2018.

GAMA, Maria Clara Brito da. Cura Gay? Debates parlamentares sobre a (des) patologização da homossexualidade. Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro), n. 31, p. 4-27, 2019.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares; DE OLIVEIRA, Leandro. “Nós acolhemos os homossexuais”: homofobia pastoral e regulação da sexualidade. Revista Tomo, n. 14, p. 203-227, 2009.

NATIVIDADE, Marcelo. Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 21, p. 115-132, 2006.

NATIVIDADE, Marcelo. Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 21, p. 115-132, 2006. 39

NATIVIDADE, Marcelo; DE OLIVEIRA, Leandro. Sexualidades ameaçadoras: religião e homofobia (s) em discursos evangélicos conservadores. *Sexualidad, Salud y Sociedad-Revista Latinoamericana*, n. 2, p. 121-161, 2009.

NOGUEIRA, Christina Gladys de Mingareli; MIRANDA, Marcelo Henrique Gonçalves de. A (re) produção das masculinidades hegemônicas, 2017.

NOVAES, Regina. 2019. “Juventudes e religiosidades: sinais dos tempos no Brasil contemporâneo”. *Caminho com o Itepa*, v. 36, n. 126, p. 17-55.

NOVAES, Regina. Os jovens" sem religião": ventos secularizantes," espírito de época" e novos sincretismos. *Notas preliminares. Estudos avançados*, v. 18, p. 321-330, 2004.

NUTO61, João Vianney Cavalcanti; DE ALCÂNTARA62, Pedro Ivo Souza. O uso de Símbolos Religioso em Repartições Públicas: uma análise histórica sobre o alcance da laicidade. *Em Defesa do Estado Laico*, p. 105.

O GLOBO, Jornal. Os efeitos da 'cura gay' | ALMANAQUE BRASIL. Youtube, 2020. Disponível em: Acessado em: 26 jan. 2021 NATIVIDADE, Marcelo; DE OLIVEIRA, Leandro. Sexualidades ameaçadoras: religião e homofobia (s) em discursos evangélicos conservadores. *Sexualidad, Salud y Sociedad-Revista Latinoamericana*, n. 2, p. 121-161, 2009.

PIRES, Flávia. 2010. “Tornando-se adulto: uma abordagem antropológica sobre crianças e religião”. *Religião e Sociedade*, v. 30, n. 1, p. 143-164.

ROCHA, Cássio Bruno Araujo. Um pequeno guia ao pensamento, aos conceitos e à obra de Judith Butler. *cadernos pagu*, n. 43, p. 507-516, 2014.

RODRIGUES-SILVEIRA, R.; CERVI, E. U. Evangélicos e voto legislativo: Diversidade confessional e voto em deputados da bancada evangélica no Brasil. *Latin American Research Review*, v. 54, 2019.

SILVA, Elder Luan Santos. Neoconservadorismo e Ofensivas antigênero no Brasil: A mobilização da “Ideologia de Gênero” e a produção de LGBTfobias no Governo Bolsonaro. *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, v. 4, n. 14, p. 331-363, 2021.

SIMÕES, Júlio Assis. Gerações, mudanças e continuidades na experiência social da homossexualidade masculina e da epidemia de HIV-Aids. *Sexualidad, Salud y Sociedad* (Rio de Janeiro), p. 313-339, 2018.

SIMÕES, Júlio. 2004. “Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades sexuais”. In: A. Piscitelli; M. F. Gregori; S. Carrara. (org.), *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond.

TAVARES, Fátima Regina Gomes e CAMURÇA, Marcelo Ayres. “Juventudes e religião no Brasil: uma revisão bibliográfica”. *Numen*, v. 7, n. 1, p. 11-46.

TEIXEIRA, Cesar Pinheiro. O testemunho e a produção de valor moral: observações etnográficas sobre um centro de recuperação evangélico. *Religião & Sociedade*, v. 36, n. 2, p. 107-134, 2016.

TEIXEIRA, Natália Beatriz Viana et al. “Cura gay é o meu caralho!”: a normalização da homossexualidade e a Resolução CFP 1/99. 2014.

WEISS, Raquel Andrade. Durkheim e as formas elementares da vida religiosa. *Debates do NER*. Porto Alegre. Vol. 13, n. 22 (jul./dez. 2012), p. 95-119, 2012.